

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000
 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O aspecto superficial das regiões politicas é o da tristeza de uma interinidade insipida, destinada a durar um anno.

Para os politicos profissionaes, para os engrossadores, para os candidatos á reconstituição das duas casas do Parlamento, o governo do sr. Rodrigues Alves terminou com chave de oiro na inauguração da Avenida Central; dali em deante está enchendo tempo, á sombra de loureiros, até passar a vara ao seu successor, o outro, o sr. conselleiro Affonso Penna, ou quem surgir, inopinadamente, das combinações, dos conchavos, das manobras que se estão armando, sob uma apparencia de calma resignada, para remendar a obra apressada da Colligação, cujos dias se figuram, inexoravelmente, contados.

O palacio do Cattete perdeu a seducção que attraía, diariamente, desde a aurora ao crepusculo, as bisonhas legiões de parasitas do poder, disciplinadas, numa regularidade mathematica, numa subserviencia patriótica, a receber o santo e a senlia ou, sómente, a merecer um sorriso, aquelle eterno sorriso amavel, fixado no Augusto rosto de s. ex., como um ricto de mascara, alegre e doloroso, muito semelhante ás contracções musculares precursoras da secreção do pranto ou á expressão da sopitada tortura de machadas incessantes. Quem finge sorrir parece que váe chorar.

O imperio do Cattete tomba como um sol no leito rutilante de espumas de oiro incandescente e de purpura inflammada do occaso. A sombra do poder colossal escorre pelo valle melancolico, como um rio de crépe, as figuras queridas, as figuras adoradas se esbatem indecisas, no paroxismo da luz apavorada ante a invasão da treva, e se amesquinham, diminúem como phantasmas que se dilúem ao termi-

nar um sonho venturoso, um sonho de gozo das graças, das predilecções, dos favores, do delicioso calor que fecunda os roçados das ambições, os canteiros das esperanças, das aspirações insaciaveis.

E' por isso que o sympathico *leader* não teve mais prestigio para aggremiar as ovelhas estramalhadas para fazerem numero, para ouvirem os cutilantes discursos do sr. Barbosa Lima, para votarem os orçamentos que, na fórmula do amavel costume da preguiça parlamentar, chegarão ao Senado na angustia dos derradeiros dias de sessão para serem engolidos pelo venerandos paes da patria, sem uma emenda, sem a alteração de uma virgula, como exige o bem de uma nação organizada, incapaz de viver sem orçamento no papel, com o ornamental alinhamento de verbas, as columnas de algarismos, o gradeamento de tabellas, bastante largo para franquear a passagem dos camarões, ou para não serem observadas e cumpridas com austera fidelidade.

Os representantes da nação parece estarem convencidos de que os orçamentos devem resultar dos desesperados esforços da ultima hora, os meliores e os mais fecundos, sob a instigação dos apertos, sob a inspiração proficua da urgencia. Elles trabalham de vagar, num progresso de kagado, vão andando lentamente para desfructarem as bellezas da payzagem e chegam, afinal, ao momento do açodamento que se assanha nestes dois mezes da sessão, varias vezes prorogada.

Em vão, o sr. Paula Guimarães secundou os empenhos do *leader* para se realizarem votações adiadas; em vão, exhortou os deputados dormentes ao cumprimento de dever civico: sómente conseguiu verificar que essa instituição dos corpos legislativos numerosos está fóra da moda, deve passar ao olvido como archaismos ornamentaes de pessimo gosto, da mesma fórmula que a sobre-casaca pezado-

na, a solemne cartola e outros aleijões da nossa macaqueação incuravel. Os poucos homens de trabalho, occupados seriamente no desempenho do mandato da soberania, dariam conta do recado, porque são, de facto, quem fabrica as leis, os instrumentos da nossa vida nacional. O resto é um enchimento espalhafactoso, esteril, inutil, um pessoal incapaz, pessoal que entope, que obstrúe, que atrapalha, formando um embolo perigoso na circulação do organismo legislativo.

Deu-lhe na telha não fazer numero para as votações enquanto não se fechasse a discussão da refórma do Banco da Republica, questão aberta mas atravessada, como asphyxiante espinha, na garganta de muita gente de selecção.

Não importa se lhes antolhasse uma ordem do dia tendo, no monstroso bojo, cincoenta e tantas materias com discussão encerrada: a materia de primazia, aquella que devia abrir os diques ao *quorum* reprezado é a reorganização daquelle desconjunctado Banco, caveira de burro de todos os governos, atravéz de setenta annos de loucuras, de gatunagens, de ineptia e consecutivos desastres, cuja extensão escapa aos olhos dos profanos. Passe o Banco, feche-se esse tenebroso parenthesis de pudor, aberto nas linhas claras da Historia, e haverá numero a fartar, devorando sem mastigar as mais duras, as mais intragaveis ordens do dia.

O presidente da Camara foi desobedecido; a sua força moral, o seu prestigio, tão dignos de acatamento, vacillaram porque elle não teve manhas para embuxar essa discussão inconveniente, attentatoria dos brios da politica, essa discussão que se figura uma caverna de indiscrições a vomitar escandalos, qual mais hediondo, qual mais deprimente. Não é, com effeito, agradavel estar a gente a ouvir falar em força, ter as orelhas contundidas por insinuações irritantes

inuteis, engendradas pela intolerancia de Catões inexoraveis, para reparar erros, crimes prescriptos, irreparaveis, sobre os quaes a tolerancia honesta já estendeu o seu doce manto de misericordia. Supprimam essa maçada cruel e os deputados occuparão os seus logares como uns S. Jorges, cravados naquellas duras cadeiras, que são outros tantos postos de civismo leal, desinteressado...

Um anno antes, elles não teriam esses caprichos femininos e triviaes; acorreriam, ás manadas, a um ligeiro aceuo do Cattete; mas ha um anno o sr. Rodrigues Alves ainda reinava, governava e administrava. Hoje é isso que se vê: não temos governo; o barco navega sem timoneiro, aos solavancos da calmaria podre da anarchia, até que sobre o vento do outro conselheiro, um vento manso, uma viração agradável, primaveril, que, desde os ominosos tempos do Imperio refresca, com intermitencias, as regiões governamentais.

Vote-se quanto antes essa malsinada reforma do Banco da Republica ou Banco do Brazil; sepultem-se, definitivamente, numa prescripção caridosa, esses livros prenhes de segredos preciosos, fechados com os terriveis sete sellos do Apocalypse; haja um jubileu, sem bóde expiatorio, para a decantada carteira politica, essa mirifica, essa administravel carteira que era o fundo do bolsinho do governo, ou uma teta com secretas canalisações para a vacca do thezoiro, sem ramificações pelo Tribunal de Contas; fiquem socegados aquelles que tiveram a dita de ver as suas firmas espichadas com uma guarda de honra de algarismos apetitosos nas sinistras columnas daquelle activo medonho: é essencial, é imprescindivel dotar o governo com os orçamentos, que serão o canto do cysue da legislatura expirante.

*
**

O Brazil foi couvidado para dar um ar da sua graça de nação latina na Conferencia Internacional da Paz, que se deve reunir, a convite do czar, na Haya.

Quando tivemos equal convite para a primeira conferencia, o ministro do Exterior, sr. Olyntho de Magalhães, ponderou ao sr. Campos Salles a vantagem do nosso comparecimento como

a mais importante Republica da America do Sul e, sobretudo, pelo facto de sermos a unica nação a adoptar na sua Constituição o arbitramento. O actual solitario do Banharão consultou o seu grão-capitão e rejeitou, *in limine*, a proposta que nos custaria obra de uma meia centenna de contos.

Que diriam os nossos credores do *funding*, si nos apresentassem naquelle comicio de nações, puramente ornamental, cujos resultados seriam nullos para nós, e para as outras nações como demonstraram com assentadora evidencia factos posteriores. Seria mais louvavel, mais honesto, mais sincero, proclamarmos aos ventos internacionaes a nossa miseria, declararmos francamente que não podiamos acceitar o convite por estarmos apertados, — como um burguez, sem *galizias*, allegaria ingenuamente não ir á festa por lhe faltar uma camisa limpa.

Assim aconteceu, não sómente quanto á conferencia da Haya, como em relação a todos os outros congressos, onde brilhámos pela ausencia, pelo mesmo poderoso motivo de pobreza franciscana, estando submettidos a um regimen de cabresto curto, austeramente observado para inglez ver.

O sr. Campos Salles, justiça se lhe faça, não transigia nesse melindroso particular: as despezas com a nossa representação no exterior, excepção feita das gorgêtas á imprensa estrangeira para o ajudar na reconstituição das finanças, eram inexoravelmente podadas.

O ministro do Exterior obedeceu, como lhe cumpria, ao chefe da nação, adversario intransigente desses luxos de congressos, infinitamente menos dispendiosos do que as quantias escoadas pela carteira politica do Banco da Republica.

Onzamos esperar que o sr. Rodrigues Alves não perpetrará essa politica de miseria; não mandará dizer pelos nossos representantes diplomaticos estarmos com a sella na barriga, abarbadados com o *deficit* de quarenta mil contos do illustre Sá.

Uma Republica, como a nossa, põe no prego as joias não empenhadas e acceita o convite.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A *Terceira Parte* do livro do dr. Manoel Bouffin intitula-se, como já adverti, *As Nações Colômbisadoras da America do Sul* e contém tres capitulos. O primeiro delles, sob a denominação de *A Educação guerreira e depredadora*, ficou analyzado nos dois artigos anteriores.

Agóra devo passar em revista o segundo, que tem por noue — *Parasitismo heroico: o pensamento iberico*, — e o terceiro, que pomposamente se inscreve — *Transformação sedentaria; decadencia degenerativa*.

A elles é que o singular antropologista e psychologo improvisado tira as consequencias das premissas estabelecidas no primeiro.

Convém ouvil-o claramente para refutal-o sem segurança.

Os trechos que vão ser transcriptos acham-se todos entremeados, a duzias e duzias, de citações de Oliveira Martins, que deve ser considerado o verdadeiro auctor dessa theoria parasitaria dos dois povos da península. Martins, sem o querer talvez, com suas grosseirissimas objurgatorias, suas pesadissimas descomposturas a seus compatriotas, veio dar mão forte ao reaccionarismo *uegrista* e *caboclisante* contra as raças superiores, mui da moda actualmente entre os agitadores da America latina.

Mas onçam o parasitista da historia: «Foi assim que a Hespanha se formou; não ha que separar o pequeno reino portuguez — a historia é a mesma (*Falso*). *Oito séculos* de lucha contra o Sarraceno, e, depois, ella apparece organizada, vigorosa, intrepida, unificada, possuida de um pensamento unico: *conquistar o muudo*, diz um de seus panegyristas. Sim, e si ella o *queria conquistar* é porque o movimento adquirido a precipitava a isto; porque *se habituára a viver exclusivamente do fructo das conquistas* (*Antes de conquistar, já vivia do fructo das conquistas!... E' de mais!...*) porque não sabia fazer outra cousa senão guerrear; porque cultivára, intensamente, por *onze séculos* (*Agóra já não são oito!*) os iustinctos guerreiros e aggressivos, e guerrear se tornára para os homens uma necessidade organica; porque, em contacto por *oito séculos* com o arabe depredador e mercantil, tomára gosto ao luxo e á riqueza facilmente adquiridos...» (*Segue um trecho de Martins...*)

«Fındou o primeiro periodo da vida da Hespanha moderna: o periodo da guerra necessaria, da conquista da patria. Mas tão laboriosa e longa e intensa foi essa lucha que os povos só teem um pensamento — *conquistas*.

(*Falso*) Fazia-se a rapina, porque a guerra necessaria a isto obrigava; agóra, quer-se a guerra pelo amor do saque e da rapina. E' o segundo periodo — o da expansão depredadora: sede de riqueza, voracidade desencadeada, appetites insaciaveis...

(*Segue um longo trecho de Martins, verdadeiro auctor de metade do livro, debicado daqui por deante com varios remognes; estylo de alta sociologia... rhetorica de pauegyrista...*)

«E' na historia da expansão portugueza, nas suas tenazes tentativas de mais de um seculo, que se pôde estudar bem a evolução e realisação desse pensamento *iberico* — ideal depredador, absorvente, exclusivo, dentro do qual se vieram fundir todos os outros: glorias guerreiras, ardores mysticos... Para o lado do mar é que apparece a visão de riquezas e thezouros: visão real, sem duvida. A Hespanha esteve mesmo em contacto com essas riquezas, por intermedio do arabe. Admira até esse esforço a que certos historiadores se entregam para achar os motivos metaphysicos que impelliram os povos ibericos para o mar. Elles se lançam para alli, porque vinham atraz do arabe, (*Falso*) vivendo em grande parte das rapinas sobre elle, e viram as riquezas que elles (*Que estylo!*) os sarracenos — desfructavam lá para além dos mares... (*Falso; antes dos arabes, já o commercio do oriente era praticado pelos occidentaes*). Vencem-os, e desejam naturalmente essas riquezas, esse dominio que os ontrós exploravam além... (*Seguem-se paginas e paginas, terriveis verrinas de Oliveira Martins contra os conquistadores e governadores da India Portugueza*)... Foi mistér, prosegue Bonfim, transcrever longamente, transcrever e repetir. Repetições propositas para deixar bem evidente o character da conquista portugueza: saquear, sem nenhum outro objectivo — a rapina, a pirataria, o parasitismo depredador...

E a Hespanha propriamente dita?... Colombo partira para o occidente, Gama para o oriente... Como realiza a Hespanha esse pensamento maduro, mas ainda encoberto — commm á península, e que arrojou um e outro ás conquistas longinquas? (*Responde com um trecho de Martins, de quem parecia se haver despedido*)... Causas communs, prosegue, produzem effeitos communs.

Na America, os hespanhões procedem como os portuguezes na India. Toda a differença está em que as riquezas accumuladas no Novo Mundo eram em muito menor quantidade que as do oriente, e que a Hespanha tem um estomago mais vasto que o de Portugal. Este não chegou a devorar, a consumir a preza inteiramente; com

o excesso e a fartura veio-lhe a decadencia degenerativa, e a victima caí-lhe dos dentes frouxos e gastos, arrebatada por outros, antes que elle se esteudesse sobre ella para viver na molleza das tenias ou dos *Condramanthns*.

A Hespanha deparou com uma preza que ella devorou na primeira investida. Não fôram só as riquezas, foi tudo: povos, civilisação, momentos historicos. A violencia da sua voracidade tudo consumiu: Os portuguezes cortavam os pés e as mãos ás mulheres para arrancar-lhes os brincos e braceletes; os hespanhões arrazavam um mundo para colher alguns saccos de ouro. Trinta annos depois de pisarem os hespanhões o continente americano, ninguem, que visitasse as paragens do Mexico ou do Perú, seria capaz de desconfiar, siquer, que alli existiram dois imperios adeantados, fortes, populosos, encerrando um mundo de tradições. (*Faço idéa! Este parasita ainda acredita que a meia civilisação communaria e rudimentar do Mexico e Perú era verdadeiramente superior. Coitados!*) Tudo desaparecera... Não se creia, porém, que os hespanhões sejam mais vorazes que os outros — o genio, o pensamento é o mesmo. O nosso pauegyrista, que é preciso conservar (*Pudera não!*), tanto nos facilita elle as demonstrações (*Ingenua confissão!*) exprime muito bem no seu estylo de philosophia sabia (*Que tal o parasita! copia dois terços do livro e agóra debica com a victima!*) esta identidade de pensamento e de processos. Buscavam o mesmo ideal. (*Segue um trecho do depennado Martins.*)

O hespanhol, que apenas iniciára o seu parasitismo sobre a America, por essa fórmula depredadora, adoptou logo as suas tendencias e appetites naturaes ás condições novas que se lhe offereciam. Emquanto houve riqueza accumulada, elle foi depredador, guerreiro, conquistador. Exgotaram-se as riquezas, elle fez-se immediatamente sedentario (*Santo Deus! e eram nomades os hespanhões?!*) Colheu os restos de populações indias, sobreviventes ás matanças, escravizou-as e fel-as produzir riquezas para elle — cavando a mina ou lavrando a terra. — Acabou o parasitismo heroico; começa o sedentarismo, regimen sob o qual a decadencia se accentúa e a degeneração se manifesta. Quanto a Portugal, a passagem ao sedentarismo foi mais complexa (*Forte pulhice!*). Elle era pequeno de mais para a preza que se lhe deparou; esta lhe caí dos dentes antes que se houvesse normalizado o parasitismo sedentario.

A transformação ia se fazendo, mas foi perturbada, justamente, pela desproporção entre o parasita e a victima. Occorre tambem que a decadencia já

era muito pronunciada, de tal fórmula que a Lusitania (?) não se pôde defender contra os que lhe disputavam a preza (*Segue um infallivel trecho de Martins*). Foi-se a India e Portugal perdeu até a independencia. Todavia, mesmo nessa hora de crise, elle não deixou de viver parasitariamente.

Quando o hollandez e o inglez lo despojaram, já o Brazil era uma colonia, estava preparado para sustentalo — o Brazil e a Africa.

O Brazil dá-lhe os tributos, *dizimos e monopolios*, a Africa dá-lhe o trafico dos negros. Devorando a India, Portugal ia enviando para aqui os seus degredados e os fidalgos mal aquinhoados na partilha do oriente; e uns e outros fôram fazendo no Brazil o mesmo que a Hespanha fazia no resto da America: obrigaram logo o indio a trabalhar para elles. Estava encaminhado para o parasitismo sedentario, regimen que é favorecido pela circumstancia de ser portugueza a Africa... (*Linhas abaixo, seguem-se trechos e trechos de Martins*)...

«Agóra, o intento, prosegue o parasitario historiador, é mostrar, apenas, na successão chronologica da vida das nações ibericas, como ellas viveram sempre, desde o primeiro momento, de uma vida parasitaria; como se educaram nessas depredações; como se viciaram e se perverteram; como, de guerreiras por necessidades, passaram a aventureiras por educação, e como, de aventureiras e depredadoras, se fizeram parasitas sedentarias. (*Surgem agóra, — que será? — trechos e trechos de Martins!*)... Estas transcrições, accrescenta, já nos instruem bastante sobre os effeitos de um tal regimen parasitario sobre a vida interna dessas nações. Transcrevamos ainda algumas linhas (*Até o fim do capitulo, mais de 300!!*) que completarão o quadro das sociedades peninsulares, adaptadas ao sedentarismo parasitario. Serão os ultimos toques da prova, aliás superflua, do parasitismo das metropoles sobre as colonias. « Todo o mundo correu á obra, todas as classes se incorporaram ao parasitismo. O Estado era parasita das colonias; a Igreja parasita directa das colonias e parasita do Estado. Com a nobreza, succedia a mesma cousa: ou parasitava sobre o trabalho escravo nas colonias, ou parasitava nas sinecuras e pensões. A burguezia parasitava nos monopolios, no trafico dos negros, no commercio privilegiado. A plebe parasitava no adro das igrejas ou nos pateos dos fidalgos. »

Basta! Basta! Tanto parasitismo juncto dá para desconfiar.

E' preciso tentar o monopolio da ingenuidade para não ver a extravagancia dessa pretensa explicação historica, e é preciso ter bem curta a in-

tuição das coisas sociaes para não perceber que esse parasitismo, na parte minima em que é verdadeiro, não passa de méro symptoma de causas mais remotas e profundas.

Todas as passagens, ali citadas, de Manoel Bomfim deixam ver as Hespanhas a uma luz falsissima; estão prenhes de erros de toda a casta, historicos e sociologicos.

Toda a moxinifada bomfinica não passa da aposta do auctor comsigo mesmo para applicar á peninsula a theoria lacunosa de Massart e Vandervelde sobre as plases do parasitismo social, e da innocente preocupação de revelar erudição á custa de Oliveira Martins.

Vamos a desfiar o formidavel tecido.

SILVIO ROMÉRO.

D'AQUI E D'ALLI

Uma escola chi-neza nos Estados-Unidos A Associação Reformista do imperio chinês fundou ultimamente, em Nova-York, uma escola para os pequenos celestes, sustentada pelos seus ricos patricios da cidade; é a primeira que existe na America, si bem que em São Francisco haja uma secção das escolas publicas que lhes é reservada. O collegio de Nova-York, que é dirigido pelo sr. Fong Chew, director do grande jornal chinez da cidade, fez vir de Cantão para os seus alumnos o professor Leong Mon Hain. Os vinte e cinco meninos que frequentam as aulas, das nove horas ao meio dia, ouvem a lição de chinez e depois, de tarde, aprendem o inglez sob a direcção da senhorita Grace Johnston. Nota-se, entrando na sala, que todos esses meninos repetem a lição num tom bastante alto, sem perturbarem uns aos outros e sem aborrecerem o professor; aprendem com vontade e com uma cega docilidade as linhas que cada dia lhes são dadas. O exercicio da memoria é talvez o segredo da potencia intellectual do oriente. Outro ponto interessante é a seriedade e a consciencia desses escolares, que vão ás suas aulas como a uma coisa muito grave e muito importante. A sua attenção conservada deve-se, sem duvida, o facto de, em São Francisco, os jovens chinezes que vão ás escolas publicas atingirem uma média de notas bem superior á dos meninos americanos.

* *

Sociedade importante

Fundou-se em Roma uma associação bibliographica para fornecer aos sabios, por preços bastante pequenos, as notas de que elles neces-

sitassem. O gremio dará tambem aos seus membros, mediante pedido, o resumo, a photographia, a verificação e a transcripção de documentos e de manuscritos. O novo instituto tem como director o professor Henrique Celani.

* *

Um livro emocionante

Ha bem pouco tempo, appareceu, em Berlim, *Tagebuch einer Verlorenen von einer Todten*, diario de uma rapariga perdida por uma morta, e o livro já está na sua nona edição.

Diz-se que havia um documento verdadeiramente authenticico que parou ás mãos do escriptor Margarete Böhme. A auctora, Thymian Gottebal, tinha desde pequena o habito de escrever o seu diario; filha de um pharmaceutico, ficára sem mãe ainda muito creança e vivia abandonada pelo pae, cuja vida estava longe de ser irreprehensivel. Ligou-se então a um homem indigno, que a deixou quando ella se tornava mãe; para salvar a honra da sua familia, separou-se do filho e entregou-o a um pastor, zeloso prégador, porém desprovido da verdadeira bondade; fugiu para a casa delle, pensando que poderia ganhar a vida como professora de linguas e de musica; mas por causa da sua falta foi por todos repellida; caíu então na ultima degradação. Com vinte e oito annos, attingida mortalmente pela doença que matára sua mãe, quasi a findar-se, ella encontrou Margarete Böhme, que assistiu aos seus ultimos momentos e a quem ella confiou o diario de toda a sua vida. Ha nessa historia, além das minucias vividas, passagens do pathetico mas emocionante.

* *

Uma educadora ingleza

Noticia-se em Londres o fallecimento da senhora Manning, que, durante vinte e oito annos, dirigiu a *National Indian Association*, fundada em 1870 por Mary Carpenter, para desenvolver a instrucção nas Indias.

A senhora Manning, que escreveu numerosas obras sobre a educação, acabava de realizar duas viagens ás Indias para visitar as escolas e saber em que sentido a *Indian Association* dirigia os seus esforços.

* *

Vestimenta insubmergivel

Annuncia-se na França uma vestimenta insubmergivel mais aperfeçoada que a de um capitão americano Boyton, que, ha annos, appareceu em Pariz como inventor de uma roupa de borracha que permitia, á pessoa que a uzasse, manter-se na superficie d'agua sem o menor esforço. Depois

de ter obtido um grande successo de curiosidade na Exposição de 1878, o apparelho de Boyton foi considerado como não offerecendo nenhum interesse pratico. O sr. Devot, professor de natação nos arredores de Pariz, inventor do novo traje, applicava-se, desde alguns annos, a aperfeçoar a descoberta americana. Chegou a preparar uma roupa de amphibio, muito simples e leve, na qual se achou á vontade tanto para atravessar um rio como para percorrer uma floresta. Estendido de costas, armado de um fuzil e de um revólver, elle entra na agua remando com os braços ou dormindo ás vezes. Sáe com armas e bagagens perfeitamente seccas e continúa o caminho sem ter necessidade de mudar de roupa. O inventor pensa que essa vestimenta poderá prestar bons serviços em tempos de guerra e váe submettel-a ás auctoridades militares francezas.

* *

Livreiros e jornalistas allemães

Uma polemica bastante curiosa acaba de se dar na Allemanha. O editor Lutz, de Stuttgart, enviou um livro, publicado por elle, á revista *Literarische Echo*, que não lhe consagrou nenhum artigo; o editor reclamou então á revista o seu exemplar; respondeu-lhe a redacção que não reenviava o exemplar da imprensa. O sr. Lutz replicou que não queria discutir por uma coisa de tão pouca importancia, mas que appellava para a opinião publica; o director de uma revista deve, pensa elle, dar noticias do livro ou então mandal-o ao editor. O sr. Joseph Ettliger, director do *Literarische Echo*, mostrou qual era a situação de um periodico que recebe cerca de 20.000 volumes por anno; não podendo consagrar a todos uma noticia, é preciso fazer uma escolha que comprehenda, pelo menos, o terço desse numero; os volumes não revistados são cortados, inutilizados; uma parte cabe, por sorte, aos redactores. O resto é vendido por uma quantia insignificante. A despeza que trazem esses presentes deve ser posta na conta da publicidade dos editores, muito felizes si se consagram algumas linhas ás producções que elles espallham, muitas vezes sem cuidado.

* *

Em Kief, Russia, descobrin-se, ha pouco tempo, que um periodico intitulado *O Açougueiro*, fuudado para defender os interesses da classe, era terrivelmente revolucionario. Os nomes de touros, bois, bezeros, carneiros, porcos, etc., tinham uma significação particular e designavam os generaes, grãos-duques e outros personagens de que era preciso falar mal.

ESTHETICA E VERNACULIDADE

DOIS LIVROS DO SR. JOÃO RIBEIRO

O sr. João Ribeiro não é um escriptor que se publique com abundancia; antes é, no duplo sentido do termo, um escriptor raro, si bem muito mais laborioso do que erradamente, e por apparencias, de commum o julgam. Desde os seus livros *Versos e Estudos philologicos*, ambos de 1902, e ambos compostos com antigas producções, não publicára mais livro algum o sr. João Ribeiro. Entre esses dois o seu espirito, original, mas paradoxal e de alguma sorte bizarro, no sentido francez da palavra, passou por modificações de que os seus dois livros deste anno *Crepusculo dos Deuses e Paginas de Esthetica* (ambos de Lisbôa, Teixeira, 1905) são o documento. Essa evolução do seu espirito de um lado para o puro estheticismo, segundo a metaphysica allemã, que ultimamente influin nelle, de outro para o classicismo da linguagem, quasi levado até o purismo, ao menos no que respeita ao primeiro ponto não se fez de momento e já vinha indicada na sua obra poetica ou puramente litteraria, de ficção ou de critica, como uma tendencia do seu espirito. E si a sua função de grammatico, aqui o mais bem acceito de entre os seus confrades nessa especialidade, e de philologo, parecia dever inclinar-o ao culto da lingua vernacula, o que justamente o distinguia dos grammaticos indigenas era a largueza do seu espirito de homem de lettras, e artista de temperamento, a especie de desembaraço fidalgo com que dando regras de grammatica não parecia prestar-lhes uma consideração extraordinaria, nem ter pela disciplina em que num momento se especializára nenhum fetichismo. Si me permittissem, eu diria que elle era um grammatico *modern-style*, sem férula, sem rapé, sem latins intemperantes, que intimamente, de si para si, desadorava a grammatica e os grammaticantes. Mas os grammaticos como as mulheres, com quem aliás não terão nenhum outro ponto de contacto, sinão o genio brigador, mudam tambem frequentemente, e o sr. João Ribeiro mudou, e é hoje o principal e porventura o mais auctorizado evangelista da reacção a favor da vernaculidade portugueza no Brazil. Foi para servir esta causa, que não poderia aqui achar propugnador mais capaz, que elle compoz a sua *Selecta Classica*, da qual me occupei alhures e que é, no seu genero, actualmente, a melhor que conheço da lingua portugueza.

Mas não bastava ao sr. João Ribeiro, que não queria fazer de frei Thomaz, prégar a doutrina sem o exemplo. Elle sabe, com o seu clas-

sico, que «fazer uma coisa e mandar ou aconselhar outra, é querer indireitar a sombra da vara torcida», e portanto voltando á pura litteratura poz-se a escrever como os classicos, segundo se verifica das suas duas obras deste anno, acima nomeadas. Não sou dos que applaudem esta evolução, ou, antes, reacção, do sr. João Ribeiro. Eu preferia o seu estylo antigo, tão correcto quanto se poderia exigir, mesmo vernaculo, porém muito mais seu, muito mais pessoal, muito mais original e encantador que o de hoje, e de uma clareza que tive mais de uma vez occasião de louvar.

A primeira das suas obras do seu novo estylo é o *Crepusculo dos Deuses*, contos allemães por elle postos em vernaculo, com egual mestria de ambas as linguas. Não obstante traduzidas, estas paginas são de um escriptor, cujo estylo pouco perdeu das suas qualidades fundamentaes, mas se me afigura agóra nellas mais trabalhado, mais rebuscado, deixando perceber o esforço de fazer classicismo. E', em summa, menos espontaneo do que já foi. E' assim que o sr. João Ribeiro agóra escreve «começaram de notar», «sujeito dramatico» em vez de assumpto, «assim sobre... como» «entre sós» de duas pessoas que falam entre si, «lenesissimas», termo raro, por brandissimas, «alongar-se» por afastar-se, «mal a meu grado» em vez do vulgar mau grado meu, e ainda outras expressões e palavras, cujo resaibo classico ou pelo menos antiquado, dá ao seu estylo alguma coisa do menos natural. Não ouzo dizer que o torna artificial, porque o escriptor de raça, o poeta, o artista que ha no sr. João Ribeiro tiveram o poder de reduzir ao minimo os inconvenientes desta propositada modificação do seu estylo, e é de notar, em favor das bons quilates do seu gosto que apezar de intencional e trabalhada nesta clave, a sua linguagem á muito menos rebuscada, e inçada de termos antiquados ou raros que a do sr. Coelho Netto, por exemplo. Mas é principalmente nas deliciosas *Paginas de Esthetica* que essa mudança é mais sensivel, e onde por assim dizer se sente a lucta travada no escriptor entre a lingua dura dos classicos, rebelde á representação das coisas modernas e finas da esthetica, inepta para exprimir as delicadezas, matizes e cambiantes que a exposição de doutrinas tão vagas e opinativas, e fóra inteiramente da preocupação dos classicos da lingua, exigem.

E não sou eu só, e sem auctoridade, que verifico esta inaptidão da nossa lingua classica. Tambem a certifica (V *Manoel Maria du Bocage*, Garnier, 1867. III, 247) aquelle Castilho a quem o sr. João Ribeiro, (a meu parecer com

exagerada estimação, ou não querendo ver no escriptor sinão a linguagem) chama «o grande e o maior dos escriptores portuguezes dos ultimos tempos». (*Selecta Classica*, LVII, nota 31) Não me csta, entretanto, reconhecer que dessa lucta saiu o sr. João Ribeiro, tanto quanto possivel, vencedor, e que não é o menor encanto das suas *Paginas de Esthetica* o picante do resaibo classico num estylo moderno, marchetado de paradoxos, de ironias, de novidades de pensamento e de fórmula, e que uma intuição, antes talvez um sentimento de arte, ás vezes claro, ás vezes mysterioso, envolve nalguma coisa de indefinido, que é de si mesmo uma maneira de ser, talvez a melhor, da arte. E' um curto livro com mais materia que estirados volumes, porque não é um livro de palavras, mas de idéas, principalmente de sensações, um livro que requer discussão e desperta contradicções. Si as suas idéas capitaes não são do auctor, elle as fez suas pelo modo por que as comprehendem e a maneira propria por que as expoz. Não é meu proposito discutil-o, nesta simples noticia. Mas sempre notarei que o conceito geral de arte do sr. João Ribeiro, me parece como quer que seja estreito e eu diria atrazado, si esta palavra não pudesse ser mal interpretada. Para elle, si me não explico mal a sua theoria, exposta entre citações de conceitos alheios e ironias proprias, ainda é a realização da belleza: «A arte, diz elle, não tem pois, que ser moral ou immoral, politica ou social, ou scientifica; talvez o é, e alguma vez o não é, não estando obrigada a consa alguma, senão a ser a propria belleza do Cosmos.» A beneficio de alguma explicação, eu eston com o sr. João Ribeiro na metade deste sen parecer, mas quanto á sua conclusão, fico indeciso. Que é a belleza? Que é o bello? E, demais, é só o bello, segundo é vulgarmente entendido, o objecto exclusivo da Arte? Na pretendida profundeza, apenas facil subtileza, de certos theoricos allemães da esthetica, caros ao sr. João Ribeiro, eu não logro descobrir sinão o vasio de concepções que por inorganicas tem de se manifestar em fórmulas imprecisas e nebulosas. Pendo para os francezes: *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement*. Que em sua essencia a Arte seja o *minimum* musical do Universo, ainda, com alguma boa vontade, chego a comprehender, porque entendo a Arte como uma synthese geral, mas que a Arte é a Natureza—X, como diz um certo Arno Holz, estheta allemão, não tenho vergonha de não entender, porque me não deixo impor pelas extravagancias da originalidade. Que na Arte, por exemplo, «nem tudo se ha de dizer», como aconsella o sr. João Ribeiro, estou de pleno accordo, pois

creio que o indefinido faz parte da Arte, cujo fim principal, si se lhe pôde achar um fim, é provocar emoções, e não dar noções. Todo um seu delicioso capitulosinho é sobre a Belleza na Arte, em que insiste o sr. João Ribeiro. Sei que era a concepção grega, theorizada por Platão, mas, sei também que não ha mais meio de nos contentarmos com ella. E parecendo o sr. João Ribeiro adoptar o conceito de Goethe de «que é certo que nem sempre é bella a natureza; mas as suas intenções são sempre boas», cáe no finalismo em arte, contra a sua theoria, ou do sr. Arno Holz, atraz citada, e contra a mais corrente e accete philosophia. Divergindo assim do que é o proprio fundamento da esthetica do sr. João Ribeiro, muito haveria que contradictar-lhe; mas o seu opusculo não é um tratado nem um compendio, sinão um livro de idéas e sensações, a que a ironia, o tom familiar, a bonhomia espirituosa, dando-lhe um singular sainete epico, tiram todo o dogmatismo cattura, e cuja leitura será deliciosa para todo o espirito livre.

Por outros aspectos, pôde este livro ser considerado o manifesto de reacção classica intentada pelo sr. João Ribeiro, que faz, e muito bem, da lingua, do estylo, da arte de escrever, da linguagem litteraria objectos da esthetica. Muito haveria que dizer desta parte do seu livro, onde as suas opiniões são mais pessoas, menos abordadas ás alheias, que na porção delle relativa ás bellas-artes. E por isso é talvez a mais systematica e mais comprehensiva deste livro.

Não alcanço entender porque o sr. João Ribeiro, no ardor do seu proselytismo vernaculo, havia de lançar anathema sobre o que chama um dos caracteres da nossa fórma litteraria, o *brazileirismo*. Si o sr. João Ribeiro fôsse simplesmente um estheta, exclusivamente preocupado de uma belleza indefinida e indefinivel, eu perceberia que, por uma indiosincrasia litteraria, lhe repugnasse o *brazileirismo* de linguagem; mas sendo um philologo também, e porventura principalmente, não acabo de entendel-o. Pois não nos ensina elle proprio, como philologo, que as linguas, em tempo algum, e em gente alguma, nunca estiveram paradas, nunca definitivamente se fixaram, e que estão, de sua propria natureza, sujeitas a mudanças constantes; determinadas por circumstancias inevitaveis de tempo, de clima, de influencias diversas como o contacto com outras linguas, as imposições de novas necessidades, invenções, descobertas e mil outras, cuja ennumerção fôra cansativa? (1) Não nos ensina mais que é um facto natural, inilludivel nas linguas os modos especiaes, pe-

culiares ao povo que as fala, ou até a uma parte desse povo, de compor certas phrases ou entender certos vocabulos, differentemente do processo seguido por outros idiomas, ainda affiis, pelo que se chamam taes phrases *idiotismos*, e também, da gente que os inventon, latinismos, francezismos, luzitanismos? Si é assim, si tal nos ensina a philologia e o sr. João Ribeiro, mestre della, porque desconhecer que também o povo brasileiro, producto ethnographico já muito differenciado do portuguez, e sobre cuja lingua ha quatro seculos actua uma natureza, linguas, povos, idéas, pensamentos, instituições, costumes, sentimentos diversos dos que a formaram originariamente e a desenvolveram até o seculo do nosso descobrimento, porque a nós brazileiros, em summa, não nos é licito inventar também esses modos de dizer? (2) Vedar-nol-o não é só ir contra os mais bem assentados conceitos da philologia, mas querer o impossivel. Ora não ha purismo que resista a essa mudança que se chama com o nome que absolutamente não é classico, de evolução. E o proprio sr. João Ribeiro escreve *desapontamento*, e *blóco*, e num exemplo seu de sua *Grammatica* cit. *massacrados*, (p. 213) que são neologismos modernos, por fórma alguma castiços. Ha duas especies de *brazileirismo*, o syntactico ou de phrase, e o de palavras, e contra nenhum delles se pôde lavrar uma condemnação absoluta, antes de os ter estudado a ambos e verificado, á luz de bons principios philologicos, a sua legitimidade. Era um trabalho para o sr. João Ribeiro, e que em desejava vel-o fazer. Como condemnar que um brasileiro falando ou escrevendo diga *moleque* em vez de *garoto*, *tigela*, em vez de *malga*, *leitão* em vez de *bacoro*, ou hesite em chamar a uma mulher joven e garrida de *moça faceira*, porque faceira em Portugal é da carne do boi, e *moça* uma criada ou uma concubina? O contrario, acho eu, é que é de condemnar, e, si vingasse a doutrina do sr. João Ribeiro, já praticada aliás pelo sr. Coelho Netto, cáiriam nesta extravagancia, de uma litteratura nacional cuja lingua não é a da nação da qual pretende ser a expressão.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) «O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado enriquece o lexico e por outro delle desterra locuções e palavras antigas que cáem em desuso ou são literalmente esquecidas. Em balde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. E' da propria indole da lingua essas perdas e renovações constantes, que são como o signal da sua nutrição e vida.» João Ribeiro, *Grammatica portugueza*, curso superior, (12ª edição, Rio, Francisco Alves, 1905, XVII). E contra as restaurações archaicas: «Não se pôde dar

vida a palavras que não correm na linguagem presente.» (Ib. p. XVIII). E no seu *Diccionario grammatical* (Rio, Alves, 1889, p. 75): «A possibilidade e fatalidade da dialectação creoula ou mestiça resultou da vida nova dos europeus nas colonias», mostrando logo como «diversos factores (que são os mesmos que enumerei) collaboraram para isso.»

(2) V. João Ribeiro, *Diccionario grammatical* citado, v. *brazileirismos* p. 74, particularmente p. 85, *in fine*, onde chama de «indocil má vontade» a antipathia, aliás natural, com que os portuguezes, «acoimam de barbaras e viciosas as produções artisticas da litteratura americana». «Semellante critica, acrescenta o sr. João Ribeiro, fundamentada na ignorancia do caracter proprias linguas da *instabilidade do homogeneo* — não pôde nem poderia produzir nem merecer efficacia ou respeito.» Não vou tão longe no meu combate á reacção purista ou classica, de que o sr. João Ribeiro é actualmente o mais eminente fautor. Leia-se mais todo-o cap. *gallicismos* do mesmo auctor, na sua *Gramm.* cit. p. 247 e seguintes, especialmente *in fine*, p. 250—25.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A salubridade das aguas—A comunicação feita pelo sr. L. A. Farre á Academia das Sciencias, de Pariz.

Não ha problema mais vital do que esse da salubridade das aguas destinadas ao consumo publico. E' um problema que não está resolvido em parte alguma, especialmente em França, onde attráe a vista dos especialistas de melhor nomeada. E os hygienistas francezes estão de accordo em considerar impossivel, nos paizes populosos, a fiscalisação das fontes utilizadas para a alimentação.

L. A. Farre, em comunicação feita á Academia das Sciencias, confirma esse facto; explica-os pela verificação de não se poderem considerar salubres sinão as aguas derivadas dos sólos incultos, pouco habitados, coberto pela vegetação espontanea das terras estereis, florestase alto matagal, ao passo que, nas regiões agricolas é onde a população é densa, o caso é mui differente.

O auctor desse interessante trabalho lembra que existem, na Inglaterra, na Allemanha, ligas para a protecção das aguas, tendo o intuito principal de manterem, rigorosamente, as regiões desertas, lacustres, florestaes, rarefazendo nellas as habitações e os rebanhos. Demonstra o papel consideravel da vegetação espontanea na regeneração qualitativa e quantitativa das aguas continentaes e quanto é importante impedir a todo o transe a devastação das florestas. Os estudos de Farre são um vibrante protesto contra os derrubadores de arvores, os que as abatem e não as replantam, os destruidores da verdura.

A purificação das aguas pelos terrenos florestaes não se deve attribuir

á filtração, porque a camada não attinge, geralmente, a espessura necessaria para impedir os microbios anaérobios, eliminados em proveito dos aérobios, graças á concurrencia intermicrobiana, devendo-se deixar que a natureza realize a sua obra salutar, não a contrariando com a devastação das florestas.

* *

As moscas, vehiculo de germens contagiosos—A sua destruição—Os recentes estudos dos srs. Chantemesse e Borel.

A prophylaxia demonstrou, desde Ambroise Paré, mesmo antes de florescer este cirurgião da epocha dos Valois—Angoulême, que certos insectos, particularmente as moscas, disseminam, nos casos de epidemia, os germens pathogenicos de que são agentes de transporte. Sabe-se, hoje, que no impaludismo, na molestia do somno, ellas exercem formidavel função nociva. As moscas levam, como provam recentes estudos de Chantemesse e Borel, os vibrões cholericos e os bacillos da febre typhoide.

Para verificar quanto tempo ellas conservam o virus que as impregna, collocaram-se varias em bocaes esteréis e deixaram-nas durante duas horas pastarem sobre culturas cholericas. Fôram depois transportadas para outros bocaes tambem esterilizados. Dezesete horas após, as trombas e as patas semeadas, assim como o conteúdo intestinal da maior parte dellas davam culturas de bacillo virgula, ficando esteréis as sementeas feitas no fim de quarenta e oito horas.

Os sabios bacteriologistas citados concluem dessas experiencias que a propagação dos germens do cholera e de outras epidemias pelas moscas é limitada: ellas não são, ordinariamente, agentes de transporte a longas distancias, salvo quando viajam em caminhos de ferro, navios, devendo-se sempre evitar esses insectos prejudiciaes que introduzem as suas patas naquillo que comemos e bebemos.

Chantemesse e Borel, tratando da marcha do cholera, observam que ella se opera por tres aspectos differentes:

1º, pelo transporte a longa distancia, por meio de viajantes, de mercadorias;

2º, pela propagação de cidade em cidade;

3º, pela disseminação de casa a casa, de individuo a individuo.

A cada um desses modos devem corresponder medidas prophylaticas differentes, tendo sempre em consideração que o cholera, proveniente de logares contaminados, não se declara, muita vez, senão no 15º, 20º, 29º e 30º dias; que os microbios pathogenicos podem permanecer incubados no organismo humano, manifestando-se de-

pois de semanas e que, por conseguinte, a policia sanitaria maritima se acha, em muitos casos, desarmada contra a propagação da epidemia.

Entre as precauções que devem ser multiplicadas com especial empenho, deve figurar, em primeiro logar, a implacavel destruição das moscas.

Indicação util

* *

Conforme as observações do dr Ulmann, a vibração irrepressivel e amudada das palpebras é indicação de uma affecção renal. Deve-se, portanto, consultar o medico quando se manifesta esse signal pathogenico, em tempo de debellar a molestia.

* *

A resistencia do coração ás feridas. — Estas, nas tentativas de suicidio, dão uma mortalidade de 60 %.

O coração é considerado como um orgão extremamente sensível e que não pôde ser tocado por um corpo estranho sem que disto resulte immediatamente a morte. A cirurgia moderna reconheceu nesse orgão uma grande tolerancia; não somente se podem praticar operações sobre o coração como tambem elle resiste a traumatismos muito graves. As feridas do coração, nas tentativas de suicidio, dão uma mortalidade de 60 %, o que representa mais de um terço das curas.

Um cirurgião cita um caso no qual elle teve que procurar no coração de uma rapariga, uma bala que ella atirára, tentando suicidar-se. Não chegou a encontrá-la, apesar das pesquisas numerosas e de ter apalpado energicamente o coração. A doente sobreviveu, não só á bala, que a radioscopia revelou como estando na espessura do orgão, mas ainda ao longo exame do cirurgião, no interior do pericardio.

As feridas do coração são graves devido á hemorragia abundante que provocam muitas vezes; o sangue accumula-se no pericardio e a compressão acaba por provocar a suspensão cardiaca e quando os vasos alimentadores do musculo são attingidos, a morte sobrevem rapidamente pela falta da irrigação nutritiva do orgão. Mas, apesar dessas condições, pôde-se esperar a cura. Quando a syncope apparece sob a influencia do choque traumatico, basta manter as funções respiratorias e circulares pelas massagens do coração para que se restabeleçam as funções desse orgão e o effeito nervoso inhibitor não tarde em cessar.

Isto significa que é possivel voltar de uma morte subita, occasionada pela parada do coração.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Da margem esquerda do Paraná a Tuyuty—O medo e a responsabilidade dos generaes—Versos de soldados.

A madrugada era humida e fria. As barras do dia ainda estavam longe de apontar, quando rompeu um tiroteio graneado nas avançadas, para as bandas de Itapiné. Ninguem se surpreendeu e ninguem tambem deixou de erguer-se subitamente, como impellido por móla invisivel e poderosa.

Talvez não houvesse um só homem daquella columna de vanguarda, que não contasse como certo um ataque do inimigo audaz e temerario. Correram todos aos seus postos, resolvidos a honrar o nome do Brazil. O commandante da bateria, o joven capitão João Mallet, revistava as guarnições, calmo e digno. O nosso velho commandante, guerreiro desde as primeiras campanhas do Imperio, passeava tranquillo, lançando baforadas do seu grande cigarro de palha. Diziam os rapazes que na vespera o general Osorio, não achando bastante vantajosa a posição que occupavamos, por ser o campo estreito e bordado de mattas e capões, quiz estabelecer o nosso bivac em um logar mais aberto e mais á rectaguarda. O commandante oppoz-se dizendo que as posições occupadas a tanto custo, como aquella, não podiam ser abandonadas. Deviamos sustental-a sem recuar um passo. O nosso general, naquelle tom de bom humor que o caracterizava e que tanto nos soube captivar, respondeu sorrindo:

— Pois então, men *marechal Bugeaud*, tome conte desta posição e defenda-se como quizer.

Os dois grandes soldados conheciam-se e amavam-se. O commandante sabia compenetrar-se bem da sua responsabilidade e do importante papel que lhe cabia. Mascava o cigarro cheio de sarro e, com aquelles grandes olhos, onde a bondade e a bravura da sua alma se reflectiam, perscrutava as trevas, que mal deixavam distinguir a matta devastada do macegal mais proximo.

Quando começou a clarear e os capões se destacaram recortando o espaço com o seu perfil escuro, o campo, coberto de altas hervas, donde elles pareciam levantar-se, matizou-se de pontos avermelhados, que se moviam e despediam clarões ruidosos e flócos de fumo, que se fôram unido e formando, a principio, tenue cerração, para logo se transformarem em denso nevoeiro. Era uma linha de atiradores inimigos, que tirotejava na nossa frente. As linhas que nos cobriam abriram para os lados e os nossos canhões começaram a tarrapear á me-

trallia. Dentro em pouco, o combate travava-se renhido em toda a linha. As columnas de Lopez avançavam ardentes de coragem e os nossos bravos batalhões os recebiam cheios de fogo. Os navios da esquadra estenderam-se em linha, ao longo do rio, e faziam grandes estragos nos paraguayos, que marchavam margeando-o. Viamos passarem os nossos camaradas da infantaria a *marche-marche*, dando vivas entusiasmáticos, e as cornetas tocando *carga*.

Contaram-m'ó, depois que o Dezeséis se cobriu de gloria numa carga de bayoneta, tomando a artilharia inimiga e uma bandeira. O meu amigo Aristides de Faria, que morreu depois na Linha Negra, foi condecorado com o habito do Cruzeiro pelas proezas que fez nesse dia. Era um rapaz valente como um leão e de uma bondade angelica.

Depois de duas a tres horas de lucta, o inimigo retirou-se completamente desbaratado, deixando no campo centenas de mortos, muitos feridos e prisioneiros.

O marechal Lopez não sei o que pretendia desses ataques com pequenas forças. A sua *generalice* estava em completa contradição com o grande preceito do maior dos capitães — e que constitúe o primeiro principio da estrategia — levar ao combate no ponto decisivo o maior numero possível de tropas. O nosso exercito atacado por tres mil paraguayos, compunha-se, na manhã daquelle dia, de quasi dez mil homens. As nossas perdas fôram pequenas relativamente. Tivemos, conforme a ordem do dia do exercito, apenas setenta e um mortos. O inimigo teve quatrocentos. Dizem que esses tres mil homens, que nos atacaram fôram mais tarde reforçados por alguns batalhões... Que importa? Nós tambem tihamos á nossa rectaguarda alguns milheiros de soldados dos exercitos alliados, que haviam desembarcado, e não estavam longe.

O Dictador pensaria talvez que os seus soldados eram os gregos de Milciades e nós os persas de Datis e Meda?

Clausewitz afirma que em vão se procuraria na historia moderna um exemplo parecido ao de Marathona. A nossa força era tripla da paraguaya, e foi uma loucura rematada o ataque desse dia, principalmente quando já deviamos ser bem conhecidos, depois de Riachuelo e da ilha Cabrita, onde eramos em numero muito inferior e mostrámos que nem sempre Deus é pelos grandes batalhões.

Os nossos soldados, tanto que echoou o toque de *cessar fogo* e as notas alegres da alvorada se misturaram ás vibrações festivas e entusiasmáticas do hymno nacional annunci-

ando-nos a victoria, já não pareciam mais os ferozes guerreiros, que derramavam com paixão o sangue dos inimigos e rasgavam inexoraveis as suas carnes palpitantes com os sabres afiados. A ferocidade daquelles rostos adustos tinha sido substituida pela compaixão com que olhavam para os paraguayos feridos e moribundos que achavam estendidos no campo e levavam cuidadosos e cheios de caridade para o hospital de sangue. Alguns chegavam a repartir com elles a ração de fumo de corda e a *mortalha* de papel branco.

No coração dos nossos rudes tarimbeiros, a inimidade cessava ao ultimo tiro para renascer ao primeiro da batalha seguinte. Nos intervallos, pareciam velhos e bons amigos.

O resto do regimento desembarcou á tarde.

O general Flôres assumiu o commando da vanguarda, passando para a frente com os seus orientaes e os brazileiros, que fôram postos á sua disposição. Entre os batalhões de Flôres havia um muito curioso — o de *Garibaldinos*, organizado em Motevidéo. Não sei porque lhe deram tal nome, pois a mór parte da gente que nelle assentou praça, não conhecia, de certo, o heróe italiano, nem de nome. Conheci nas suas fileiras homens de todas as raças: polacos e hindús, turcos e hespanhões, portuguezes e marroquinos, bascos e peruanos, piemontezes unitaristas e napolitanos do partido dos Bourbons. Entre estes ultimos, tive um bom amigo, o alferes Luiz Rapallo, intelligente como todo o filho da bella Italia. Quando o seu corpo foi dissolvido no Chaco em 1867 ficou addido ao Dezeséis, onde se portou sempre muito bem. Depois da guerra, nunca mais soube do Rapallo, que supponho ter morrido em Matto Grosso.

Dos meus companheiros, alferes do Dezeséis, quasi todos tiveram a sorte do bom official napolitano, que adoptou a nossa patria e bateu-se por ella como os mais valentes dos seus filhos.

Na noite de 17 de abril, dormimos no campo de batalla. Na manhã seguinte, marchámos sobre Itapirú. Estava abandonado, e as muralhas derrocadas pelo canhoneio da esquadra. Assim mesmo, pôde resistir muito tempo.

Com a artilharia que possuíam os nossos encuraçados, parece que deveria ficar arrasado em algumas horas. Ainda achámos umas peças velhas de grosso calibre.

O regimento bivacou nas suas immediações para o lado do Passo da Patria. Não estendemos a artilharia em linha, como costumavamos. Ficando com a mesma formatura da

marcha, em columna de divisão, dando o flanco direito para o rio, que não ficava distante. A' nossa frente e rectaguarda, o exercito bivacava tambem, mais ou menos agglomerado e em certa confusão, porque o terreno, demasiado estreito, não permittia que se desenvolvesse. Pela nossa esquerda, passava uma estrada que marginava o rio e além estendia-se um macegal alagadiço, limitado por matto rarefeito, que circundava os pantanos, donde parecia emergir, e orlava lagoas, que a enchente tornára mais profundas. Nesse macegal, uma linha de atiradores vigiava o nosso flanco esquerdo, do outro lado do caminho e bastante perto de nós. De vez em quando, passava um dos nossos poucos generaes, a cavallo, com o seu estado-maior, visitando os corpos da sua divisão. As brigadas eram, então, commandadas por coroneis, não porque não chegassem os generaes do quadro, mas por outras razões. Officiaes de cavallaria passavam tambem em serviço de ronda, montados em cavallos geralmente emmagrecidos ou quasi sempre ricamente ajaezados. Alguns iam armados de lança, a arma terrivel da cavallaria rio-grandense.

O velho general Netto, que tão decisiva influencia exerceu na invasão do Uruguay em 1864, alli estava tambem com a celebre «Brigada ligeira», onde cada homem era um adversario perigoso para os mais rijos campeões. Pertencia á mesma raça daquelle cavallaria, que Garibaldi, nas suas memorias, num brado de entusiasmo, porque a viu combater nas refrégas da republica do Piratinim, exclama: *seuza exaggerazione della migliore del mondo...* O bravo caudillo daquelles tempos gloriosos e os seus soldados: Netto e loro non erano mai stati battuti. Aquella gauchada robusta, alegre e valente, me inspirava tanta admiração e sympathy, que receio exagerar quando me refiro ás suas façanhas.

O resto do dia passou sem novidade. No regimento, muitos officiaes e algum 1º sargento mais esperto e commodista estenderam os arreios debaixo dos armões e carros manchegos, para abrigarem-se do sereno, que caía abundante. Nós, da arraia miuda, ficamos ao relento: uns, de cócoras, á beira do fogo; outros, deitados nas caronas humidas. Palestrovamos — o Amarilio, o Costa Mattos, o Eugenio de Mello e eu — tomando o classico chimarrão, quando rompeu á nossa esquerda, bem em cima de nós, vivo tiroteio. Voámos aos nossos canhões. A linha de atiradores, a poucos passos de nós, fazia um fogo cerrado. Não é facil descrever a confusão que reinou naquellas forças surprehendas á noite num espaço tão restricto e onde

os batalhões se amontoavam. A fuzilada parecia alastrar-se por toda a linha. Ouvíamos o seu crepitar frequente para a frente e rio abaixo. Pensei logo que o inimigo, audaz como era, se havia aproveitado da desordem no nosso campo e de nossa ignorância do terreno, para trazer-nos um ataque nocturno. Era-lhe isto muito facil, porque nenhuma trilha daquellas redondezas lhe podia ser desconhecida. A quella hora, talvez já estivessemos envolvidos. A esquadra nada poderia fazer, salvo si nos metralhasse tambem, porque, naquella escuridão, era difficil distinguir-nos. Incontestavelmente naquella situação, a vantagem estava do lado da offensiva. Pela confusão que houve por algum tempo no regimento, podia-se bem calcular o que seria nos outros corpos. O fogo continuava cada vez mais intenso. Um official, já de cavallo sellado, bastante entonado e meio gabaróla, disse bem alto, para nós todos ouvirmos:

—Si fugir, não é por medo, é porque não temos generaes.

Pobres generaes carregam até com a responsabilidade do medo dos outros.

Os individuos de imaginação viva e temperamento nervoso são muito sujeitos ao panico, nos ataques á noite, conforme diz Cardinal de Widdenn, referindo-se aos combates de Codogno em 1796, de Villaharta em 1809 e de Laon em 1814, em que dispararam em fuga os gloriosos batalhões do «Grande Exercito» de Napoleão, fazendo o mesmo que a brigada Moreira Cezar em Canudos, depois que succumbiu o bravo coronel. Outro official que estava debaixo de um armão quando ouvimos os primeiros tiros e precipitouse para correr á sua bateria, bateu com a cabeça no eixo da viatura. A pancada foi muito forte e o sangue correu logo pela testa abaixo. Suppoz ser ferimento de bala e foi ao medico do regimento, que era o João Severiano da Fonseca. Sem ter á mão nem vela, nem tição, cheirou a ferida e affirmou não ser de bala porque não cheirava a chamusco; o cheiro que sentira era de sebo. O eixo estava engraxado. Este official portou-se sempre com bravura e teve a honra de ver o seu nome muitas vezes mencionado, com louvor, nas ordens do dia do exercito.

Ouvíamos perto as vózes de commando e, mais longe, toque de corneta. A linha de nossa esquerda tiroteiava, a pé firme, com admiravel tenacidade.

O velho Mallet mandou metter em linha frente á esquerda e avisou em voz alta aos que estavam na frente que ia metralhar. Cessou o fogo por encanto. Nenhum tiro mais se ouviu. Que magia possuíam aquellas peças á revólver! Porque seria? Que caso tão

estranho! Em pouco tempo, soube que os paraguayos não nos tinham atacado. Um official fôra ao macegal e transpuzera a linha de vedetas, sem ser percebido. Quando, porém, se levantou e surgiu á sua frente, um bradou-lhe:

—Quem vem lá?

—Paraguayo.

Um tiro e, logo após, uma descarga responderam ao gracejo e não sei como escapou illezo o imprudente. Alguns homens fôra de combate e muitos sustos fôram o resultado da cara pilleria do tenente. A esse falso combate da noite de 18 de abril denominaram «ataque de macega». Alguns, mais realistas, deram-lhe outro nome, que não ouzo escrever aqui, apesar da celebridade que lhe deu Victor Hugo nos *Miseraveis*, descrevendo a ultima resistencia dos regimentos francezes em Waterloo.

Commentando esse episodio tragico-comico e a confusão que dominou durante algum tempo o nosso bivac, demos boas risadas e fizemos criticas ainda melhores. Ainda hoje, quando o Amarilio, o Costa Mattos e eu nos reunimos e recordamos aquella epocha da nossa mocidade tão cheia de affectos, rimo-nos ainda com gosto do susto que *raspámos* e ainda mais dos que tiveram os outros.

Teria razão o bravo e immortal Fernando Machado, quando dizia: «medo, todos, mais ou menos, tem—mas quem tem brio, não o mostra a ninguem?»

No dia seguinte, Lopez abandonou com o seu exercito os seus arraiaes, batidos pela artilharia dos nossos navios.

Entre esse ponto e o nosso acampamento, havia um largo arroio, ou, melhor, sangradouro de lagóas, que as aguas do Paraná, cheio, tinham replezado. Os nossos distinctos engenheiros lançaram sobre elle uma ponte bastante extensa.

Alguns dias depois, já nos fins de abril, não me lembro bem da data, entrámos no Passo da Patria, que encontramos ainda fumegando. Incendiaram tudo, casas, quarteis e rancharia. Começava a famosa retirada, que durou quatro annos, e foi terminar, nas margens do Aquidaban, com a morte do Dictador, a completa ruina daquelle bello paiz e o anniquilamento daquelle heroico povo.

Nada podemos tirar daquelle territorio, onde só achavamos desolação e ruínas. A guerra alli não alimentava a guerra. Vivemos sempre dos nossos proprios recursos. Aquelle paiz ensanguentado só nos dava ar para respirarmos, e muitas vezes empestado, agua para bebermos e, não raro, polluida pelos cadaveres e pelo sangue derramado nas batalhas, e a

terra em abundancia para as sepulturas dos nossos cem mil valentes patricios que lá ficaram para sempre.

Apezar do incendio, que devorou quasi tudo, achámos o santo e a senha do exercito paraguayo no dia da retirada: S. Francisco Solano era o santo, si me não falla a memoria. A senha era: «El equilibrador se retira equilibrando.»

Os soldados diziam que o equilibrio devia ser em «corda bamba».

A nossa vida de campanha não era tão má como se pensa vulgarmente. O Costa Mattos achou, perto do nosso acampamento, muito fedegoso, e foi uma excellente colheita, vagens maduras. Debulhou-as, torron-as, moeu-as e preparou um magnifico café, que adoçámos com um pouco de assucar mascavado e já melando. Havia muitos mezes que não tomavamos sinão matte. Foi uma delicia e lembrámo-nos com saudades do Braguinha do largo do Rocio, que era nessa epocha um dos cafés mais em vóga. No tempo do commando de Osorio, a nossa etapa limitava-se a carne em abundancia, pouca faringa e herba matte, que, ás vezes, era *caúna*. Polydoro mandou augmentar a farinha, porque os soldados do norte gostavam muito e estavam habituados a esse alimento. O marquez ordenou feijão e carne secca. O principe, para instigar-nos a fome, em Capivary, nos dias de penuria das cordilheiras, forneceu numa lata de sardinha de Nautas por praça. Os soldados historiarão essas differentes phases da nossa alimentação na seguinte quadra:

Osorio dava churrasco

E Polydoro farinha.

O marquez deu-nos jaba

E sua alteza, sardinha.

A alegria e o bom humor nunca deixaram de morar com aquella mocidade, cujos soffrimentos se reduziam a muito pouco: marchas com os pés descalços pelos areiaes calcinados pelo sol do verão e por campos cobertos de *malicia*; noites passadas ao relento, dentro da lama e debaixo de chuva que cortava; vigílias na matta escura, de arma engatilhada, espreitando o inimigo a poucos passos de distancia; enfermidades despresadas e que nunca mais fôram curadas; dias e semanas de penuria e de cansaço e saudades, sem esperanza, de rever a familia e a terra amada da patria. Havia tambem os combates. Além de raros, pois não fôram além de algumas duzias, passavam rapidos, e frequentemente os sacrificios eram recompensados por elogios em ordens do dia, condecorações honorificas e promoções. Isto, entretanto, não tocava a todos. Muitos valentes contentavam-se com o bom conceito dos cama-

radas e a fé que nelles tinham os soldados, juizes imparciaes. Isto valia mais do que tudo. A justiça não podia ser distribuida a todos, porque os generaes não tinham o dom da ubiquidade, e muitos actos de bravura ficaram ignorados. Nós, cadetes obscuros, viviamos despreocupados de elogios e recompensas. Tiviamos votado á patria a nossa vida, que já consideravamos *dada em consumo* e estavamos no firme proposito de não a poupar todas as vezes que nos fôsse exigido o seu sacrificio. Eramos mais felizes do que os nossos commandantes, porque não tinhamos a preocupação da responsabilidade. A nossa tarefa era facil—cumprir o nosso dever e ir além si pudessemos. A do general em chefe era levar milheiros de homens á victoria. O que valia era a consciencia do dever que a todos animava e a confiança que depositavamos nos nossos generaes, obedecendo, sempre contentes, aos toques de *avançar e retirar*, sem nada indagar e convencidos que eram mandados dar por elles para maior honra e gloria do Brazil. Felizes os exercitos, que são animados do mesmo espirito que nos animava e que tem generaes em chefe como Osorio, Polydoro, Caxias e conde d'Eu, que souberam inculcar-nos a fé na sua estrella e a esperança na gloria.

Deante do nosso acampamento no Passo da Patria, que ficou, por longo tempo, sendo a nossa base de operações, estendia-se um vasto campo, de cuja orla distante se avistavam as baixadas do grande Estêro Bellaco, que ficou celebre nos fastos dessa campanha.

DIONYSIO CERQUEIRA.

PAGINAS ESQUECIDAS

DESEJOS DE DOENTE

Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer :
« A terra te seja leve.

Nesse dia vem calçada
De botinas de setim ;
Quero a terra bem pisada,
Tendo ten pé sobre mim.

Em paga de meus amores,
Quando tombar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flôres
Colhidas por tua mão.

E si mais posso pedir-te,
Nesta eterna despedida
Deixa dos olhos cair-te
Uma lagrima sentida.

FRANCISCO OCTAVIANO.

PREMIOS

Os romanos, tão entendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados as corôas civicas e muraes, as ovações, os triumphos e outros premios militares, porque, como o amor da vida é tão natural, quem se atreverá a arriscá-la intrepidamente, senão alentado com a esperança do premio? Quando David quiz saír a pelear com o gigante, perguntou primeiro : «Que se ha de dar ao homem que matar este philisten?» Já naquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço ; já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça.

Necessario é logo que haja premios para que haja soldados, e que nos premios se entre pela porta do merecimento. Dêem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente ; dêem-se ao valor e não á valia ; que, depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta egualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer, e, animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos talis bordados anda dourada a cobardia. Assim que é necessario que haja Saúes liberaes, para que se levantem Davids animosos, e muito mais necessario que os premios se dêem a quem disparar a funda e derrubar o gigante, e não a quem ficar olhando desde os arraiaes.

D'essa desigualdade se segue que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo, porque, em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das balas e noutra a purpura das cruces? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos d'uma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esaú, que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás settas de Esaú se nega a benção, se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade, quem haverá que trabalhe? Quem haverá que pelege? Não ha duvida que, á vista de semelhantes mercês, dirão os valerosos que vão errados: terão contrição do que deveriam ter complacencia, arrependem-se-hão de seus brios, condemnarão suas passadas finezas, e, se

chegarem a pelear valentemente, será por desesperação ; que não ha coisa que assim desespere os benemeritos, como ver os indignos premiados.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

* *

MAIS LUZ

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossiveis,
E os que se inclinam, mudos e impassiveis,
Á borda dos abysmos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensiveis,
Tanto aos vicios crueis e inextinguiveis,
Como aos longos cuidados dolorosos !

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz : depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos herôes !

ANTHERO DE QUENTAL.

* *

DESAPERCEBIDO

E DESPERCEBIDO

E' trivial ouvirmos e lermos em letra redonda: Não passou *desapercebida* a sua observação, tal pessoa, objecto, ou allusão. Fulano fez-se *desapercebido*, ou fiz-me *desapercebido*.

Nestas e em outras muitas phrases vulgares, que ora nos não lembram, erra-se vergonhosamente a natureza do verbo *desaperceber*, e a sua regencia.

Desaperceber, que ordinariamente se usa no participio, *desapercebido*, é verbo activo, e significa *desapparellhar*, *desarmar*, *desprover*, e tambem *desavisar*, *desprevenir*.

Desperceber e *despercebido* é não ter, ou não ser percebido, não entender, não reparar. Já se vê que este verbo tem accepção e natureza mui diversa daquell'outro, e usá-lo pelo modo apontado nas locuções, que acima transcrevemos, é barbarismo intoleravel.

Deve-se, pois, dizer: Não passou *despercebida* a sua allusão. Fulano fez-se *despercebido*, isto é, *desentendido*, etc.

«O reino está *desapercebido* de armas e de mantimentos» — disse Vieira, isto é, *desprovido*, *desguarnecido*, *desarmado*, sem os *apercebimentos* necesarios para a guerra.

«As tentações do demonio, peccadores, vos tomam *desapercebidos*» — escreve Diogo de Paiva; queria dizer, sem estardes prevenidos, preparados, escudados com fé, doutrina, e orações da igreja.

Em summa, temos o adagio, que

diz: «Homem desapercibido, meio combatido.» Isto é, descuidado, desarmado, não provido, ou prevenido para qualquer accommetimento, insulto, ou engano.

Basta o pouco que fica dito para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso, a que infelizmente os induzem até alguns dictionarios da nossa lingua, ou, antes, da lingua de seus auctores.

SILVA TULLIO.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

V

Após a retirada de d. João VI, os acontecimentos desceram rapido declive.

Ao rei não faltaram, em Lisbôa, humilhações dum prisioneiro. Ao duque de Bragança, tão longe, no Rio de Janeiro, os liberaes portuenses lançavam affrontas, que vinham ferir e provocal-o.

O povo luzitano, por tantos seculos, habituado á supersticiosa veneração da monarchia, agóra se lhe mostrava hostil, ou indifferente. Era esse um dos fructos do regimen absoluto: — o despotismo opera infindas transformações de torpezas; corrompe a todos e a tudo; avilta os homens e só cria escravos submissos, ou rebeldes, malevolos e ingratos. Pelo contrario, a liberdade — *alma mater* — é procreadora de bellas coisas idéaes, que são virtudes civicas; educa ennobrecendo as naturezas, robustecendo-as com as prodigiosas energias da dedicação até nos lances de perigo, até nas horas amarguradas do infortunio. Os povos opprimidos são como vis escravos, ou, antes, cães, rudemente vergastados, que lambem carinhosamente a mão cruel do oppressor, si o virem armado do instrumento; mordem-na, encontrando-o desarmado por terra. Que importa que o incomparavel historiador queira justificar o oppressor e o opprimido, asseverando que *abolir a escravidão importa condemnar o Espirito Santo, que ordena aos escravos pelo verbo de S. Paulo, permanecer nesse estado?* Querer deixar de ser escravo, ou tental-o é crime. (1) Os povos opprimidos e subjugados não conhecem nem comprehendem os deveres e os direitos da consciencia humana. Os portuguezes, nessa epocha, eram um povo que vivia ainda sujeito á monarchia despotica, a qual escravizou as gerações passadas e subjugava as actuaes. Elles, de si para si, perguntavam uns aos outros — que temos nós com a causa dos tyrannos dos

nossos avoengos e nossos oppressores no presente? Porque havemos de lutar por amor daquelles que continuarão a tratar-nos como subditos, regendo-nos com *virga ferrea*, si recobramos o mesmo poder absoluto, que outr ora exerceram?

Era esse o vozear da bocca das multidões, e d. João o escutava afflictivo e temeroso. Viu-se abandonado no momento de angustias e provações; viu-se ludibriado pelas côrtes; soffreu que o despojassem da regia auctoridade e ficou á mercê das facções, que preponderavam em Portugal.

Nesse estado de coisas, as côrtes reputavam-se victoriosas, redobravam de audacias, requintavam de insensatez, primavam de ineptias e, qual um iconoclasta, quebravam e destruiam tribunaes e todos os instrumentos de progresso; nada consideravam respeitavel, nada poupavam.

As deliberações das côrtes, concernentes ao Brazil, produziram principalmente dois resultados, entre outros, que são notaveis: — 1º, a acclamação do Defensor Perpetuo e Imperador; — 2º, a convocação da Assembléa Constituinte. Desde então, a Independencia da colonia, que se rebellára, passou a ser facta consummado. Regida, até agóra, pelo systema da monarchia absoluta, ía converter-se em Estado sob a fórmula do governo da liberdade constitucional, fórmula limitada por uma lei organica e fundamental, consagrando os direitos do cidadão, a soberania nacional, a delegação dos poderes. A instituição monarchica precedia a todas, dimanava, por assim dizer, da fonte viva da vontade nacional, da qual era expressão incontestavel, sem intermediarios, quasi dictatorial, armada do poder de crear os outros aparelhos do mechanismo governamental; essa condição excepcional, privilegiada e independente collocava o Imperante em altura superior. Elle reunia em si todas as faculdades para organizar o Estado, regular e conceder direitos, emfim sua palavra era — *fiat lux*. E o Imperador entendeu e manifestou, em todos os actos e momentos, que esta superioridade lhe competia e uzou della sempre que lhe pareceu conveniente. (2) Poder anterior a todos os outros e procreador delles e da lei fundamental, como o dizia um doutrinario e eloquente parlamentar, (3) a realza era a viva encarnação da soberania absoluta da nação. O principe já exercia o governo antes da Constituição do Estado e considerava-se a si mesmo soberano; dispunha de todos os meios de acção. No decreto de 12 de novembro, invoca a sua superioridade dizendo — *havendo eu convocado, como tinha o direito de convocar*, etc. — (4) Donde lhe vinha esse direito? Não o

tirava, como os monarchas antigos, da instituição divina — *do per me reges regnant; do omnis potestas a Deo*: tirava da sua qualidade, do seu titulo de Defensor Perpetuo, como o affirmava na Proclamação de 13 de novembro, na qual escreve — *a salvação da patria, que me está confiada como defensor perpetuo do Brazil*. (4) Nos decretos de 12, de 13 e de 24 de novembro, no manifesto de 16 de novembro, predomina a mesma idéa, a mesma convicção de governar por direito proprio, inherente á sua augusta individualidade e, no discurso que pronunciou na sessão de 3 de maio, manifestou a supremacia de sua vontade, declarando que — *só accitaria a Constituição, si fôsse digna delle Imperador*. Não falava como um pactuante; impunha a sua vontade tutellar; exercia a missão de Defensor Perpetuo, de poder creador anterior a todos os poderes constitucionaes, que tinham de ser organisados.

De facto, estavam estabelecidos logo desde a fundação do Imperio e antes da organização e da lei constitucional, suprema e fundamental, dois poderes antagonicos, — o do Defensor Perpetuo, creado e consagrado pela revolução, e o dos representantes no parlamento, dependente da vontade do poder anterior, que já exercia absolutamente a soberania. Tal era o syncretismo de idéas; tal o character do homem de quem tudo dependia.

Ora, como a historia é a psychologia em acção, o estudo analytico do ente humano em suas emoções, pensamentos e actos, nos mostrará que o reinado de d. Pedro foi completamente conforme ao seu character, temperamento e idéas.

D. Pedro effectivamente se achou numa situação especial, como as monarchias dos tempos modernos não apresentam outra. Si recorrermos o exemplo da Inglaterra, veremos que Carlos II, depois da morte de Cromwell, chamado pelo general Monk, é investido pelo parlamento do direito de reinar. (5) Evidentemente, o seu direito não era anterior aos poderes organisados. Guilherme III, *stathouder* da Hollanda, casado com o princeza Maria, filha de Jacques II, depois da revolução de 1688, que desthronou o sogro, não é acclamado rei, não quiz accitar o governo sem ser coroado rei conjunctamente com sua mulher, que, de facto e de direito, era rainha. O parlamento conferiu-lhe a realza. (6) George I, eleitor do Hannover em 1714, pela morte da rainha Anna, subiu ao throno da Gran-Bretanha por escolha do parlamento. (7)

Em França, os exemplos não mostram um soberano investido da auctoridade nas condições de d. Pedro I, que não recebeu a investidura de

poder algum anterior; que, ao contrario, foi o instituidor e creador dos outros poderes, exercendo de per si a força viva, immediata da soberania nacional por aclamação dos povos, antes da Constituição e organização do Estado. Luiz XVIII, que pertencia, segundo o direito da antiga monarchia franceza, á linha hereditaria, para exercer as funcções da realza, após os successos daquella quadra de revolvimento, de guerras, de invasões, e quèda do imperio, foi preciso — 1.º, que Talleyrand, por meios diplomaticos, obtivesse o favor de George IV da Inglaterra, e de Alexandre, da Russia: — 2.º, que *le séuat* (escreve um historiador,) *sans s'occuper de légitimité ni de droit divin, l'appella au throue, mais eu pretendait lui imposer la coustitution et il a donnée, avaut, la declaration de Saint-Ouem, gages des libertés constitutionnelles.* (8)

Veamos Luiz Felipe, que surgiu da revolução de julho de 1830: — *il fut uomué le 31 juillet*, (escreve um dos historiadores do reinado) *lieutenant general du royaume par la commission municipale de Paris, reconnu comme tel par Charles X et presenté par La Fayette au peuple — comme la meilleur des républiques. La chambre des députés lui offrit le trone avec le titre de «roi des français» 6-7 d'aout.* (9) Todos os historiadores dessa epocha repetem quasi a mesma narrativa, comquanto divirjam na critica, segundo as opiniões politicas de cada um: Montalivet, que foi intimo do rei; Guizot, que governou, longo tempo, como seu ministro presidente do conselho; Dupin, amigo e advogado, por certo, não apreciaram os factos do reinado da mesma fórma que Luiz Blanc, socialista e republicano de fevereiro de 1848.

Conclúe-se que a Historia não apresenta uma encarnação dos poderes num soberano ou chefe de Estado, qual a de d. Pedro, que, por um lado, como Carlos II, da Inglaterra, e Luiz XVIII, da França, era da linha hereditaria; por outro lado, como Guilherme III, da Hollanda, ou Luiz Felipe de Orleans, saíram — este das barricadas de julho; aquelle, da revolução constitucional que firmou na Inglaterra o regimen parlamentar, em que a opinião nacional predomina por meio de seus representantes no parlamento, cuja maioria delega uma commissão que no conselho do rei governa, manda e administra, enquanto o soberano sómente reina, inteiramente irresponsavel, mas com a missão e dever de interpretar, respeitar e executar a vontade manifesta da opinião, que é a do paiz.

Investido de todos os poderes, d. Pedro continuou a governar como dantes, e por isso mandou, por decre-

to de 3 de junho, convocar uma Assembléa Constituinte, a qual foi eleita na fórma das instrucções de 19 de junho, assignadas por José Bonifacio, ministro do Imperio do gabinete de 16 de janeiro de 1822. Eis ali a origem do primeiro parlamento que funcionou no Brazil. Veremos os actos e idéas, projectos de leis, discussões, eloquencia, illustração, criterio, dignidade e independencia de consciencia, que fornecem materia para sua historia.

Os leitores, que amam investigar as causas dos factos para descobrir a marcha e o desenvolvimento dos phenomenos sociologicos da vida duma nação, munidos dessas informações, facilmente explicarão as evoluções da politica do primeiro reinado, o desenlace do drama, do qual a Constituinte foi um dos actos cheio de scenas, ora commoventes e graves, ora burlescas e futeis. Verão como os ministros que auxiliavam, ou serviam o principe, eram duma *simpleza singular*, sem nenhuma intuição dos successos, que se iam preparando nas dobras reconditas do futuro; successos, que, previstos, poderiam ter sido evitados, e os males e damnos — ou, pelo menos, neutralizados. Os destinos da nacionalidade brazileira, dirigidos pelos ministros imprevidentes de d. Pedro I, correram graves perigos e teriam sido annullados, — si a Providencia, que véla pelos povos, não empunhasse as redeas do carro do Estado, (10) ou o abandonasse ao acaso.

Nesses estudos, iremos esboçando, a largos traços, a physionomia do primeiro parlamento, que iniciou o povo brazileiro na pratica do regimen do governo dirigido pela intelligencia, pela eloquencia da palavra livre e irresponsavel. Si não nos fôr dado escrever uma historia completa, procuraremos recolher certa somma de recordações dum passado de 82 annos, que parece obliterado na memoria dos brazileiros: esforçar-nos-emos em reproduzir algumas das scenas, em que, sómente, o patriotismo suppriu a sabedoria e o criterio do legislador e as concepções do genio do estadista.

As gerações que contemplam as transformações do presente, comparando-as com as do passado, poderão julgar — si as anteriores nobilitaram-se pela independencia da consciencia, altivez de character, pelo desinteresse e pela moralidade politica, quando lhes faltavam as brilhantes concepções do talento, os fecundos resultados da meditação, ou da experiencia; emfim, aquillo que faz a grandeza e o enlevo da politica — essa profunda e laboriosa occupação dos homens que teem a coragem de lutar e soffrer pelos verdadeiros interesses do seu paiz. Decretada a convocação da Assem-

bléa, reuniram-se os collegios eleitoraes em todo o Imperio, excepto nas provincias ainda em contenda com os inimigos da causa emancipadora, por exemplo, — a Bahia, que combatia heroicamente as tropas portuguezas, commandadas pelo general, valente e habil, Luiz Ignacio Madeira de Mello (11); tropas que recuaram vencidas em Itacaranha, Pirajá, Funil, Cabrito, Itapoan, etc. As eleições celebraram-se, com religioso respeito, pela fórma estabelecida. Nessas éras, a população não conhecia o systema das fraudes, das cabalas, da corrupção, e de duas coisas abjectas — a confiscação do voto nas urnas pelos governos e a abstenção do eleitorado, ou por pusilanimidade, ou por egoismo e indifferença, não querendo comprehender as seguintes palavras do immortal romano: — *sit denique scriptum in fronte unius cujusque civis quid de republica sentiat.* (12)

As instrucções do ministro José Bonifacio estabeleceram e adoptaram o processo eleitoral de dois grãos, processo que se adaptava á inexperiencia, á rudeza e ignorancia da generalidade das classes sociaes no Brazil de 1823. E' natural inquirir si, neste assumpto, o Brazil de hoje póde pretender superioridade? Não será facil a resposta, attentando no contínuo espectáculo que se contempla na quadra politica, em que funcionam os comicios eleitoraes. Não precisamos ir longe; aqui mesmo, na Capital Federal, vê-se que um eleitorado de cerca de 40 mil eleitores não apresenta mais de 4, 5, ou 6 mil votantes; o resto.

Em suas coleras de moralista e de patriota, o inexoravel historiador, indubitavelmente, repetiria a dolorosa e flagelladora exclamação — *homines ad servitutem parati.* (13)

As instrucções expedidas pelo ministro José Bonifacio, regulavam tanto o processo eleitoral em suas minucias, quanto fixavam o numero dos representantes de cada provincia, naturalmente sem base conhecida da população, mas por uma dessas estatísticas — a olho — muito em uzo sempre no Brazil, onde a estatística parece não ser a expressão certa dos phenomenos sociaes, dos factos politicos, reproduzidos por algarismos; exemplo, a mortalidade e os nascimentos, o movimento da população, da producção, da importação, ou da exportação, e outros factos da vida duma sociedade activa, que progride, ou duma nação que rúe em rapida ou lenta decadencia.

A despeito da base imaginaria, ou real, tomada pelas instrucções de 19 de junho para execução do decreto de 3 do dito mez, convocando a Assembléa Constituinte, as eleições se reali-

zaram, com toda regularidade e perfeita paz; apenas nos collegios d'Olinda e de Cuyabá appareceram algumas duvidas, ou contestações. (14) Fôram estas primeiras eleições as mais puras que se celebraram e exprimiram fielmente a vontade do eleitorado, que, espontaneo, concorreu ás urnas, comprometido de desempenhar um importante dever civico. De seu lado, o governo imperial procedeu escrupulosamente e respeitou religiosamente a manifestação da soberania nacional. Não tinha conveniencia de uzurpar o voto, porque era um governo acceito e bemquisto e merecia a confiança geral. A causa era commum e do mesmo interesse para o povo e para o governo: mais tarde, no correr do tempo, as eleições deram lugar a tremendas luctas entre o governo e o povo; um, esforçando-se por manter o seu direito; o outro, por confiscal-o.

Segundo as instrucções de 19 de junho, a Assembléa Constituinte se comporia de 100 deputados distribuidos por cada provincia do modo seguinte: Pará 3; Maranhão 4; Piauhy 1; Ceará 8; Rio Grande do Norte 1; Parahyba 5; Pernambuco 13; Alagoas 5; Bahia 13; Espirito Santo 1; Rio de Janeiro 8; Minas Geraes 20; Goyaz 2; Matto-Grosso 1; S. Paulo. 9; Santa Catharina 1; Rio Grande do Sul 3; Cisplatina 2.

Nessa temporada, o Estado Oriental estava unido ao Brazil sob a denominação de provincia Cisplatina, e Sergipe ainda não estava elevado á categoria actual, como foi depois, marcando-lhe a Assembléa Constituinte dar 2 deputados. (15)

Renniram-se os representantes, pela mór parte *illustres desconhecidos*, (16) no edificio da cadeia velha, propositadamente preparada para servir de casa do Parlamento. Celebron-se a primeira sessão prèparatoria no dia 17 de abril de 1823. Fôram acclamados, presidente, o bispo do Rio de Janeiro d. José Caetano da Silva Coutinho; e secretario, Manoel José de Souza França. Nomearam-se, por proposta do presidente, duas commissões para verificar os diplomas, que fôram reconhecidos legitimos. Na segunda sessão preparatoria, (18 de abril) a segunda commissão apresentou parecer, em que tratou das duvidas a respeito das eleições de Cuyabá e do Collegio d'Olinda, duvidas que fôram resolvidas, reconhecendo-se os eleitos. Nomeon-se uma commissão para organizar o regimento da Camara. Na terceira sessão, a 30 d'abril, trataram-se da impressão do regimento e das formalidades que se hão de guardar na Assembléa. (cap. 5º do Reg.)

A maneira de ser o Imperador admittido e recebido; si coberto com a corôa, si descoberto; si assentado

no mesmo nivel do presidente, si em logar superior, e outras miundencias, umas futeis, ontras sem nenhum valor, suscitaram discussões, em que tomaram parte Antonio Carlos, o padre Dias, Moniz Tavares, Carneiro de Campos, Alencar. Celebraram-se ainda: a 4ª sessão preparatoria a 1 de maio; a 5ª, a 2 de maio. Em todas discutiram-se assumptos que concerniam ao regimento e á solemne sessão da abertura no dia 3 de maio, sessão, em que o Imperador comparecerá *em todo esplendor*, segundo a expressão do deputado Antonio Carlos. Esperemos por esse grandioso espectáculo, inteiramente novo para o povo brasileiro.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) O grande orador catholico e historiador philosopho Bousquet, bispo de Meaux, prégava a doutrina da escravidão, achava bom que o opprimido amasse o oppressor: — *rege, eos cum virga ferrea.*

(2) Vid. os decretos, proclamação, manifesto de novembro de 1823, etc.

(3) Vida de Royer-Collard, pelo barão de Barante.

(4) Todos os decretos e manifestos são documentos historicos, *humanos*, que mostram o circulo de idéas, em que girava o espirito de d. Pedro. O titulo de Defensor Perpetuo, considerado fonte do seu poder, é uma idéa, uma criação do absolutismo; não é *novidade nova*; delle uzou o rei d. João I, em priscas éras da realza despotica.

(5) Guizot, *Revol. d'Angleterre* — Macaulay, *Hist. d'Angleterre.*

(6) Trevor, *Vie de Guillaume III* — Macaulay, *Hist. of England.*

(7) Remusat, *Angleterre au XVIII siècle* — Macaulay, *Hist. of Eng.* — Massey, *Hist. de l'Angleterre*, etc.

(8) Sobre a restauração, ha uma vasta litteratura; apontarei alguns nomes, que me são mais familiares. Beauchamp, *Vie de Louis XVIII.* — Vanlabelle *Hist. de la Restauration.* — Alfr. Nettement *Hist. de La Rest.* — Lamartine, *Hist. de la Rest.* — Capéfigue, *Hist. de La Rest.* Ultimamente, Thureau, Dangin, *Libereaux et liberté sous la Rest.* Abundam, Memórias desse tempo.

(9) A litteratura e as memórias sobre este reinado são numerosas; citarei algumas, em que os leitores acharão a confirmação do texto acima escripto. — Duvergier de Hauranne, *Hist. du gouvernement parlementaire.* — Guizot, *Memoires.* — Dupin, *Memoires.* — Novion, *Histoire du règne de Louis Philippe.* — Beaumont-Vassi, — *Histoire de mon temps* — Montalivet, *Hist. des dix huit années du gouvernement parl.* — Louis Blanc, *Histoire de dix ans.* — Elias Régnault, *Hist. de huit ans.* — Thureau Dangin, *Histoire du règne de Louis Philippe*, etc., etc.

(10) Palavras de Bousquet. — *Discours sur l'histoire universelle.*

(11) Ainda hoje se diz na Bahia: — *guerra do Madeira*; — domina, assim, a tradição.

(12) Cicero.

(13) Cornelius Tacitus — *Annaes.*

(14) Vide o *Diario* da Camara, sessão preparatoria, parecer da commissão.

(15) *Diario* da Assembléa, sessão de 4 de agosto.

(16) Phrases de Fox, as quaes o nosso grande orador Silveira Martins lançou em circulação.

ARMADA NACIONAL

Os arsenaes. — Seu rendimento. — A desidia com que são administrados. — As luctas com os commandantes. —

Ontra, e mais consideravel, «resistencia passiva» por eliminar do «mechanismo do nosso orçamento», é a constituída pela verba «Arsenaes». Só no anno de 1904, o custeio dessas repartições se elevou a mais de 4.000 contos e, no emtanto, as obras produzidas não attingiram a 1.500 contos, muito embóra se attribúam a taes obras preços fabulosamente excessivos.

O actual ministro da Marinha, em seu relatorio de 1903, já apontava como anomala essa desproporção entre «a producção e o consumo dos arsenaes», e, assombrado com o custo elevadissimo de qualquer obra que lhes fôsse commettida, procurava explical-o por varias causas. Do seu programma administrativo fez então parte a eliminação ou, pelo menos, a redução das «resistencias passivas.»

Entretanto, em seu relatorio de 1905, referindo-se ao arsenal do Pará, s. ex. diz: «De feito, em 1904, as officinas do arsenal produziram obras no valor de 227:332\$751 e a importancia dispendida com seu custeio elevou-se a 660:804\$340.

Sendo esta importancia 2,9 maior do que aquella, verifica-se que para produzir 100\$000 de mão de obra util, foi preciso dispendir 290\$000, o que quer dizer que o valor das despesas geraes attingiu a 190 %.

Esta porcentagem é superior á do anno de 1903, cujo valor não excedeu a 120 %.

Assim, s. ex., que em 1903 estudava e promettia extinguir «as resistencias passivas» com que as administrações anteriores aggravavam o orçamento, confirma, e confessa que essa não só não foi eliminada, como até se tornou consideravelmente maior, já decorridos dois annos da sua moralisadora e reorganisadora administração!

E. s. ex. continúa: «Não é licito justificar esse accrescimo ponderando que o arsenal está desprovido de machinas aperfeiçoadas, que o preço da materia prima é elevado no Pará, e que as reparações são mais dispendiosas do que as obras novas, visto que todas essas causas já existiam em 1903 e a porcentagem não excedeu a 120 %.

Assim, pois, não encontro, de momento, explicação para semelhante augmento.»

Santa ingenuidade! Quem a encontrará? O ministro da marinha da Turquia?

Mas s. ex. conhece bem a causa de tal augmento; sabe até que, referente

á epocha em que aquella porcentagem não era ainda de 190 %, ha um processo aberto para apurar responsabilidades, processo que foi ou ha de ser abafado.

Prosigamos, no emtanto, no estudo sobre os arsenaes durante a administração do actual ministro da Marinha.

Quanto ao arsenal do Ladario, em todos os seus relatorios s. ex. faz identico estudo a respeito do «consumo e producção». No de 1903, diz s. ex. que, no decennio de 1891 a 1900, aquella porcentagem attingiu, em média, a 300 % e que em 1902 (ainda s. ex. não sendo ministro não começára a eliminar as resistencias passivas), ella baixára a 239 %. Em 1903 (s. ex. já ministro), a porcentagem elevou-se a 280 % para cair a 200 % em 1904. A differença, para menos, em 1904, mal chega a compensar a differença para mais em 1903.

A respeito do arsenal do Rio de Janeiro, procurámos em todos os relatorios o estabelecimento de tal porcentagem. Nada encontrámos. Justamente sobre o mais importante delles, s. ex. não quiz fazer o mesmo estudo. Fal-o-emos nós, notando antes que essa porcentagem deve ser consideravelmente mais baixa para o do Rio do que para os outros: 1º, pelo menor preço da materia prima em nossa praça; 2º, pela maior actvidade em que se mantém e pela extensão das obras que realiza; 3º, pelo emprego, em mais larga escala, de machinismos aperfeiçoados. Notaremos tambem que o arsenal do Rio de Janeiro é administrado pelo irmão de s. ex.

Dos annexos ao relatorio de 1905, vê-se que a verba «Arsenacs» se elevou em 1904 a 4.120 contos. Destes deduzidos 1.085, consumidos pelos do Pará e Ladario, restam 3.035, consumidos pelo do Rio. As obras executadas por este montaram a 1.190 contos, e assim, estabelecida a proporção, teremos que para produzir aqui 100\$000 de obra util é necessario dispendir a quantia de 279\$000, o que quer dizer que o valor das despezas geraes attingiu a 179 %. E a s. ex. que, de assombrado, não encontra explicação para o valor de 190 %, attingido por essas despezas no arsenal do Pará, onde, s. ex. mesmo o diz, ella já foi de 120 %, a despeito do elevado preço da materia prima, da imperfeição dos machinismos, e do mais dispendiosas que são as reparações, do que as obras novas, a s. ex. não ocorreu fazer egual estudo a respeito do arsenal do Rio de Janeiro, em condições muito mais favoraveis que os do Ladario e Pará, aos quaes excede em importancia, e administrado pelo irmão de s. ex.

Aquelles 179 % deveriam, no emtanto, cauzar maior espanto, já não dizemos do que os 120 % conseguidos

em 1903 no Pará, mas sim dos que os 190 % a que ali attingem actualmente as despezas geraes e do que os 200 % que a s. ex., meticuloso como é, não esqueceu observar no do Ladario.

Agóra apontaremos as causas desse pequeno rendimento dos arsenaes:

1ª — O preço elevado da materia prima. E' sabido que todo o fornecimento feito a governo, são sempre por preço mais elevado que o normal e que no nosso paiz essa elevação é fabulosa. Nenhum administrador tem tido força para pôr cobro a esse abuso entre nós, e aqui, força é confessar, tem elle, em parte, uma justificativa: a demora dos pagamentos. E isso dá-se não só para os arsenaes como para todas as repartições de marinha e de todos os outros ministerios em geral. O fornecedor procura, naturalmente pela elevação do lucro a tirar, compensar os prejuizos que lhe ha de causar o empate, por mais longo tempo, do seu capital. No proprio relatorio de 1905, em annexo, encontra-se uma consulta sobre o caso de um fornecedor de carvão em Manáus, que se negou a satisfazer requisições, por não lhe terem sido pagos ainda fornecimentos anteriores e a longo tempo feitos, e, na administração do almirante Pinto da Luz, houve necessidade de fretar um paquete á casa Lage para conduzir, a um dos portos do norte, carvão, afim de que pudesse regressar ao Rio um navio de guerra que ali se achava. O fornecedor nesse porto negava-se a fornecel-o, pois o governo lhe devia contas de 3 annos passados.

Voltemos, porém, aos arsenaes.

Apontamos a carestia da materia prima como primeira causa do pequeno rendimento delles. Foi attendendo a isto que o contra-almirante Guillobel, quando inspector do arsenal, comprou directamente em praças da Europa, consideravel quantidade de lona, conseguindo uma grande economia. Veremos a que deu logar esse fornecimento feito com intelligencia, mas infelizmente feito por quem é considerado inimigo dos actuaes dominadores da marinha.

A segunda causa daquelle pequeno rendimento é a desidia com que são administrados os arsenaes, o que determina que os operarios passem uma invejavel vida de ocio, dispendendo longuissimos prazos na confeição de obras de minima importancia e que resultam em geral mal feitas. A esta causa allia-se um maldito systema de luctas mesquinhas, repugnantes, entre

inspectores e directores de officinas dos arsenaes, de um lado, e commandantes e immediatos que áquelles são pouco affeiçoados, do outro.

Tal navio tem necessidade dum curto concerto; seu commandante não é *persona grata* do inspector do arsenal? O navio esperará longo tempo por esse concerto, e quando fôr feito, um outro ter-se-á tornado preciso; nova espera, novo reparo que se patenteia necessario, e assim successivamente. E si o commandante, zeloso, procura chamar a attenção das auctoridades sobre o prejuizo que resulta ao seu navio, mais se accentúa a má-vontade e um officio reservado, encerrando uma reprehensão, vem muitas vezes premiar o seu zelo.

Quando não se manifesta essa má-vontade, distribuem-se logo os operarios para o serviço requerido, e elles então, eleitores necessarios dos illmos. deputados, consciencamente fortes, incumbem-se de retardar a conclusão da obra, elevando-lhe fabulosamente o preço.

E' assim que ali estão necessitados de concertos, ha tres annos: *Tamoyo*, *Andrada*, *Carlos Gomes*, *Commandante Freitas*; é assim que, ha cinco, estão em reconstrucção o *Recife* e o *Primeiro de Março*; é assim que o *Riachuelo*, aqui no porto do Rio de Janeiro, só um anno depois de feito o pedido recebe um toldo, para substituir, o que, pela demora, propositadamente havida, já não mais existia.

E' assim que no relatorio de 1903, do actual ministro da Marinha, diz s. ex. que o *Republica* necessita de caldeiras novas, que o *Riachuelo* precisa de pequenos reparos nas machinas, que o *Trajano* aguarda ligeiros concertos, que a *Silvado* pede reparações; que no de 1904, destes navios apenas o *Riachuelo* está prompto, e que em 1905, continúam as coisas no mesmo pé.

O *Aquidaban*, em fevereiro de 1904, abalroou com o *Trajano*; avariou-se ligeiramente, na prôa; pois até novembro de 1905, 21 mezes decorridos, nada se fez para reparar essas avarias, o que obrigou uma auctoridade, quando uma divisão estrangeira ha pouco visitou o nosso porto, a encobrir a prôa do navio com um encerado, afim de que a olhos estranhos se não patenteasse a ferida.

E', bem sabemos, fastidioso esse estudo que vimos fazendo. Mas, não nos furtamos a elle, para demonstrar

como se está reorganizando e salvando a armada nacional.

TONELEIRO.

O ALMIRANTE (59)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XX

Teria Amelia fundamento para suspeitas; teria ella percebido a chispa electricante dos olhares trocados a furto; teria sido chocada no trajecto da onda de effluvios emanados do attricto dos dois corações aquecidos de volupia, candentes na lava de um amor cautelosamente occulto em mysterio impenetravel; ou seria impressionada pela sensação espontanea, instinctiva de mulher preterida? Darse-ia que esse amor saturasse o ambiente e dominasse Amelia, como dominava Laura, embevecida na contemplação de Hortencia e Sergio, encantada pela melodia da voz delles, phrases sonoras, cujo sentido não interpretára completamente e todavia lhe despertava estranha visão de um ignoto mundo de sonhos, de uma região distante, perdida nas nevoas das suas innocentes concepções de mulher adormecida na placidez angelica de uma indifferença de menina?

Amelia não tinha a justificativa de um facto, de um gesto, de uma palavra de Dolores, cujos modos, talvez excedentes da compostura vulgar de uma senhora casada, a irritavam quando se dirigia, com familiaridade forrada de ternura, a Oscar, sempre abroquelado em cortezia imperturbavel, attentiosa, explicada pelo serviço por ella prestada no dia da revolução, pela gratidão que todo o homem culto deve á solicitude feminina. A colera subterranea de Amelia excluía dos seus éstos mal contidos o homem querido, para se exacerbar contra Dolores, a mulher que se offerencia impudentemente.

— Os homens que empolgaram o poder—dizia Souza e Mello, continuando as suas considerações— não estão tranquilos, não se reputam seguros. E essa tentativa de revolta gerou a suspeita que os offusca. Não tardarão as delações da policia secreta, as perseguições, as devassas...

— Como no alvorecer do primeiro imperio—ponderou o conselheiro—A formidavel devassa, ordenada por José Bonifacio contra os homens mais notaveis da epocha, ficou na historia como uma pagina escura da victoria da Independencia.

— O governo teria razão para desconfiar, mas a magnanimidade do

marechal Deodoro fechou o accesso ás delações calumniosas. Imagine que choveram as denuncias mais absurdas, que eu tive immenso trabalho em rebater.

— Ouvem? E' evidente que tenho razão para o meu pessimismo. Dolores que é intima das altas regiões, confirma com a sua auctoridade as minhas apprehensões. Sem a sua influencia, quem sabe onde estaríamos nós, que dizemos sem reboço aquillo que pensamos.

— Não diga isso ironicamente— atalhou Dolores, vivamente— Tenho impedido muitas violencias, muitas injustiças... Imagine que fôram dizer ao Sampaio Ferraz que esta casa era um ninho de conspiradores.

— A minha casa?— exclamou a marquezia, estremecendo e lançando um olhar afflicto a Oscar e Martins, que estavam attendendo ás revelações de Dolores.

— Sim.— continuou esta— Que a marquezia era a alma da reacção, que animava a contra-revolução com o seu espirito, com o seu dinheiro. Todos nós eramos cúmplices— o conselheiro...

— Que infamia!— exclamou d. Eugenia.

— Oscar com o seu prestigio na Marinha, o sr Martins e o barão de Freicho representando o commercio... Até o Gião, o pacato Gião viera enviado pelos descontentes de Minas Geraes.. A suspeita envolvia todos, principalmente o nosso respeitavel Souza e Mello.

— Eu?— protestou este— Eu sou um theoretico, um sentimental convicto, si quizerem, um adversario, leal desencapotado; mas conspirador? Nunca.

— Dizia-se— continuou Dolores— que aqui vinham, fóra de horas, pessoas suspeitas... por diversas vezes... Chegavam mesmo a citar-lhes os nomes conhecidos pela policia que os acompanhára..

A marquezia tornou-se livida e observou:

— E' verdade que o Sebastião notou a presença de alguém, de gatunos talvez, que fugiram ao serem por elle presentidos. O pobre homem vive desde então perseguido pelo terror de um assalto ao palacio e percorre a chacara armado até os dentes. Eu, que o julguei um poltrão, um visionario, vejo agora que teve motivos para tomar precauções.

A marquezia, com estranha vivacidade, demonstrou o absurdo dessa denuncia, dirigindo-se particularmente ao conselheiro que não podia disfarçar a sua inquietação. Martins, tambem muito assustado, falava baixo com Oscar, que sorria com affectada calma:

— Nada ha mais que receiar— con-

tinuuon Dolores, com um gesto de segurança— Eu desfiz tudo; todas essas balelas fôram por mim pulverisadas e o Deodoro ficou convencido de que a marquezia e os seus amigos seriam incapazes de se arriscar a uma tentativa dessas.

A marquezia apertou-lhe a mão num movimento de ternura, de agradecimento, cortada pelo remorso de haver suspeitado dessa creatura tão dedicada e bôa. Sabia que Dolores dizia a verdade, fazendo referencias as visitas do dr. Leonel, alludindo ao dinheiro, fornecido por intermedio de Martins, factos que ella não podia conhecer pelas revelações da policia secreta.

— Querem a prova de que está tudo desfeito, que não ha razão para receio?— exclamou Dolores, triumphante, no circulo que se formára em torno da sua elegante pessoa, todos amigos presentes á excepção de Oscar e Amelia que sorria com sarcasmo daquillo que considerava uma farça— Tenho aqui a prova.

E, desabotoando o corpete, introduziu a delicada mão alva no intersticio dos rijos seios opulentos e tirou um papel, uma carta, aquecida ao calor daquelle ninho perfumado.

— Aqui está a prova— disse ella, estendendo á marquezia a carta e fitando em Amelia um olhar aggressivo— Eu lhe reservava esta feliz noticia para amanhã, para festejar o seu anniversario, querida marquezia, mas não perderá o valor com algumas horas de antecendencia.

A marquezia leu, commovida:

«Minha querida senhora.— Como o Oscar esteja afastado por alguns dias do serviço, rogo-lhe a fineza de communicar-lhe que o brilhante trabalho sobre a marinha foi muito apreciado pelo governo, especialmente pelos nossos collegas Ruy e Benjauin, que o acolheram com entusiasmo. Na conferencia de hoje, ficou deliberado fôsse premiada a dedicação, a fidelidade e a competencia desse excellente, desse incomparavel amigo e auxiliar do governo com a promoção ao posto de contra-almirante... por serviços relevantes...

A marquezia estacou, sacudida de commoção e dirigiu ao querido Oscar os grandes olhos rorejados de lagrimas...

— Está claro— acrescentou Dolores— que o governo não promoveria um conspirador...

— Evidentissimo— confirmou o conselheiro, muito alliviado.

— Enfim— disse a marquezia, avançando para Oscar, sobre quem choviam cumprimentos— Enfim, meu filho, está realisada a prophacia do Imperador.

E apertando-o, num longo abraço,

beijou-lhe as faces repetidas vezes numa insaciavel expansão de ternura maternal. Hortencia, Laura, d. Eugenia tambem o abraçaram cheias de contentamento, vindo por ultimo as saudações dos homens, começando pela do conselheiro, que improvisou algumas palavras sobre o acerto do acto do governo que promovera o homem destinado a ser o almirante da marinha do futuro.

— E a mim — disse, por ultimo, Dolores — não se dão as alviças?

Oscar aproximou-se e ia tomar-lhe as mãos, quando ella foi ao seu encontro e o abraçou tambem num gesto de faceirice.

— Obrigado, obrigado, Dolores — murmurou Oscar, transido de commoção, aspirando, num longo hausto, o capitoso perfume daquelle corpo que elle sentia vibrar nos seus braços.

Amelia estava livida. Sem se mover do seu lugar, os seus olhos, toldados de rancores, fulminaram os dois, e passou-lhe pelo cerebro a visão de um crime, a certeza de que aquelle abraço não era um movimento de saudação affectuosa, vulgar, innocente. Ella percebera a alma de Dolores aflorar-lhe nos olhos illuminados por uma chamma satanica; notára o accento da voz de Oscar, de uma sonoridade que lhe desencadeou, no coração, a tempestade do ciúme, e juraria ter saído dos labios de Dolores uma palavra suspeita. Quando Oscar voltou ao lado della, encontrou-lhe as mãos frias, rigidas, o rosto parado num ricto amargo.

— Si é verdade, — disse ella, friamente — foi um acto de justiça.

E recuou numa attitude de repugnancia, como si sentisse adherente a Oscar o contagioso perfume de Dolores.

Para se subtraír á scena irritante das homenagens prestadas a Dolores, dos excessivos agradecimentos da marquezia e do conselheiro, acobardados pelo passado perigo e impressionados com a delação, Amelia pretextou subito mal-estar, retirando-se antes do chá com a mãe, Laura e o pae, sempre obediente aos caprichos e vontade imperiosa da filha mais velha. A instancia da marquezia, Hortencia ficou para lhe fazer companhia naquella noite.

Ao entrarem na carruagem, o conselheiro observou a d. Eugenia:

— Viste ao que nos arriscámos com essa mania da politica? Nós somos vencidos, vencidos impotentes para a desforra: devemos acceitar, resignados, todas as consequencias da derrota. Deus queira que a lição aproveite á marquezia e a liberte desse sonho absurdo de representar o espirito de um passado morto.

— Que mal ha em conversarmos em

dizer, no seio de amigos, o que pensamos?

— Paredes tem ouvidos; ha traído-res por toda a parte.

Até a hora habitual da despedida dos amigos, a marquezia parecia de excellente humor, rindo, conversando, numa activa distribuição de carinhos, como si se atordoasse da impressão cavada no seu espirito pelas revelações de Dolores, que foi a ultima a partir, escusando-se, com um franco sorriso de alegria, dos repetidos dos reiterados protestos de agradecimentos sublinhados pelos abraços e beijos da marquezia e de Hortencia.

— Que extraordinaria creatura! — exclamou a marquezia, quando Oscar voltou a sala — E eu que desconfiára della... en que chegára a me enciúmar... Estou de novo captivada por aquelle bello demonio. Vamos Hortencia; até amanhã, meu almirante.

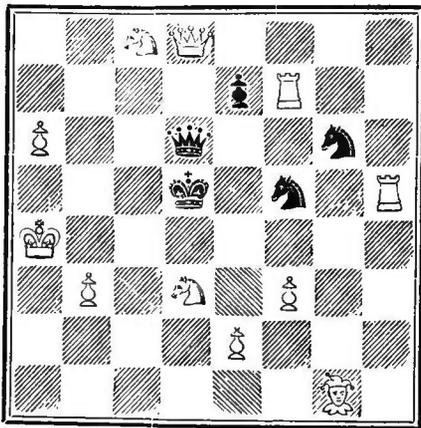
(Continúa).

XADREZ

PROBLEMA N. 28

Tacito & Lipman

PIECAS (5)



BRANCAS (11)

Male em dois lances

PARTIDA N. 29 (a)

GAMBITO EVANS

Branças		Prelas
(Raul de Castro)		(Theophilo Torres)
P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B D	— 3 —	B 4 B D
P 4 B D	— 4 —	B × P
P 3 B D	— 5 —	B 4 B D
P 4 D	— 6 —	P × P
Roque	— 7 —	P 3 D
P × P	— 8 —	B 3 C
C 3 B D	— 9 —	C 3 B R (b)
P 5 R!	— 10 —	P × P
B 3 T D (c)	— 11 —	C 4 T D
T 1 R	— 12 —	C × B
D 4 T D x	— 13 —	P 3 B D
D × C	— 14 —	B 3 R
T × P	— 15 —	D 2 D (d)
T × B x!	— 16 —	P × T (e)
C 5 R!	— 17 —	D 2 B D (f)

D × P x — 18 — R 1 D
C 7 B R x — 19 — D × C
D × D — 20 — Abandonam

(a) Viram os leitores que no ultimo torneio do Club dos Diarios chegou em 4º lugar, com uma differença apenas de 1/2 ponto para os vencedores, um amator desconhecido, a quem fizemos as justas referencias que merecia — o sr. Raul de Castro. Publicamos hoje uma partida que ha tempos elle jogou com o dr. Theophilo Torres e que é de grande brilhantismo. Chamamos a attenção dos amadores para o ataque final, que é de mestre. As notas que vão a seguir são do proprio sr. Raul de Castro.

(b) Defeza muito pouco recommendavel, quando o B está collocado o 4 B D.

(c) Impedindo o roque das Pretas.

(d) Querendo rocar para o lado das Damas sem ter percebido a combinação, que dá o ganho immediato ás Br.

(e) Si D × T, então T 1 R, ganhando a D pelas duas torres.

(f) D 1 B era preferivel; mas ainda assim as Br. jogariam 18 — T 1 R com bastante vantagem de posição.

**

Tacito & Lipman — Publicamos o seu problema. Agradecidos pela gentileza das suas ultimas cartas. Publicaremos no numero seguinte as suas interessantes informaçoes e, em numeros successivos, a *Moral do xadrez*.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 27 (O. Nemo):
D 2 B D.

JOSÉ GETULIO.

A FAZENDA

AO PADRE J. SEVERIANO DE REZENDE

Fica-lhe a um flanco a matta umbrosa e sobranceira
Onde trilla, em triumphal orchestra, a passarada.
A outro lado, a expirar no sopé da pedreira,
O cafezal occupa a extensão da chapada.
A' frente, banha o prado a agua de uma ribeira
Que move, abaixo, num moinho, e onde bebe a boiada.
Confina com o quintal, aos fundos, a capoeira,
Que enverdece da serra a rotunda lombada.
Morre em silencio o sol, num raio derradeiro...
Mas, subito, um rumor se espalha no terreiro:
A paz crepuscular a gallinola ataca...
Rompe um cantar ruidoso, os tons troca e destroca
Num trauteado fragor de atabaque, e, á matroca,
Matráca, crebra e com fracasso, que está fraca...

Rio—1905.

HEITOR LIMA.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.